

SÉRIE
SEMÂNTICA E SINTAXE

SE
SI

SEMÂNTICA E A NATUREZA DA LÍNGUA

Fascículo 2: SEMÂNTICA E A NATUREZA DA LÍNGUA

Contribuição à semântica numa gramática científica do português e a uma teoria do signo lingüístico

Para um eficiente aprendizado de Português, a gramática é de todo indispensável. Madre Olívia, e sua equipe, concentram seus esforços para colaborar na revisão da mesma. A presente série: SE/SI — Semântica e Sintaxe para uma Renovação da Gramática Portuguesa, é apresentada em três fascículos:

Fascículo N° 1: **Semântica e Sintaxe**

Fascículo N° 2: **Semântica e a Natureza da Língua**

Fascículo N° 3: **Verbo, Sujeito e Objeto**

O ensino gramatical, que já não era fácil, entrou em crise mais séria com o desenvolvimento da Lingüística. Torna-se difícil um uso adequado das gramáticas tradicionais, se nelas não se efetuar uma revisão.

Muitos professores buscam ansiosamente soluções imediatas que, a rigor, não resolvem e às vezes aumentam as dificuldades do conjunto. Há mesmo os que preferem abandonar de todo ou diluir o ensino gramatical, apoiando-se na ilusão dos que o julgam coisa supérflua do passado. Existe sim o problema da gramática, à qual compete descrever o sistema da língua e explicar seus diferentes usos, sem desmerecer nenhum.

Os três fascículos são, fora de dúvida, uma contribuição de valor para tornar a língua materna mais conhecida e melhor ensinada e conseqüentemente se tornará instrumento mais adequado da comunicação com os outros.

Autora — Madre Olívia (Cília Coelho Pereira Leite) nasceu em São Paulo (SP). Doutora em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae" da PUC-SP (1962). Professora catedrática de Língua Portuguesa da mesma Universidade, e coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação. Coordenadora do Instituto de Pesquisas Lingüísticas para estudo de Português. Pela VOZES publicou várias obras da série "Prática de Português"



ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

1
3mar Santos

CONTRIBUIÇÃO
À SEMÂNTICA
NUMA
GRAMÁTICA
CIENTÍFICA DO
PORTUGUÊS
E UMA TEORIA
DO SIGNO LINGÜÍSTICO

SÉRIE:
SEMÂNTICA E SINTAXE

SE
SI

2

SEMÂNTICA E A NATUREZA DA LÍNGUA

MADRE OLÍVIA

SEMÂNTICA E A NATUREZA DA LÍNGUA

U P - 996 -

INSTITUTO DE PESQUISAS LINGÜÍSTICAS "SERES SAPIENTIAE"
PARA ESTUDOS DE PORTUGUÊS - PUC/SP
RUA MONTE ALEGRE N.º 084 - 05014 - SÃO PAULO
TELEF. 02-7846 OU 888-0211 - R. 218

Série SE/SI: SEMÂNTICA E SINTAXE PARA UMA RENOVAÇÃO
DA GRAMÁTICA PORTUGUESA

Fascículo nº 2

SEMÂNTICA E A NATUREZA DA LÍNGUA

*Contribuição à semântica numa
gramática científica do Português
e a uma teoria do signo lingüístico*

Série: SE/SI nº 2

MADRE OLÍVIA
(Cília C. Pereira Leite)

IP

INSTITUTO DE PESQUISAS LINGÜÍSTICAS "SEDES SAPIENTIAE"
PARA ESTUDOS DE PORTUGUÊS - PUC/SP
RUA MONTE ALEGRE N.º 984 - 05014 - SÃO PAULO
TEL. 02-7640 OU 388-0211 - R. 318



Petrópolis
1979

© 1978, Editora Vozes Ltda.
Rua Frel Luís, 100
25.600 Petrópolis, RJ
Brasil

Diagramação
Valdecir Mello



Ano Internacional
da Criança 1979

AGRADECIMENTO

Pelo apoio recebido da

FAPESP: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado
de São Paulo — em 1965, 66, 67, 76 e 77.

Aos meus colegas de pesquisa muito estimados, que
incentivam o trabalho com suas críticas, buscas e
indagações:

ANNA MARIA MARQUES CINTRA
EVANILDO BECHARA
LEONOR LOPES FAVERO
MARA SOFIA ZANOTTO DE PASCHOAL
M. CECILIA PÉREZ DE SOUZA E SILVA
REGINA CÉLIA P. DA SILVEIRA

«Em matéria de língua, (os lingüistas) contentaram-se sempre em operar com unidades mal definidas».

F. de Saussure: *Curso de Lingüística Geral*, trad. Cultrix, São Paulo 1972, p. 129.

SUMÁRIO

Pesquisadores	5
Prefácio	11

1. OBJETO DA SEMANTICA

1.1	Indagações básicas	15
1.2	O objeto da semântica segundo a tradição	15
1.3	Atualmente	15
1.4	Perspectiva nova	15
1.5	Um trecho de Saussure no início do século XX	15
1.6	Língua é forma	16

2. O SIGNO LINGÜÍSTICO

2.1	O signo tem dupla face	19
2.2	Significado/significante	19
2.3	Os sons, uma substância	20
2.3.1	A ciência do som fonético é pré-liminar à da língua	20
2.4	A língua também não consiste na imagem mental	21
2.5	Gráfico: a faixa própria da língua	21
2.6	A língua no processo amplo da comunicação (gráfico)	22
2.7	Esboço de fronteiras da semântica	23
2.8	Como o signo lingüístico exclui substância, tem sido difícil explicá-lo mediante a substância dos sons orais e das letras escritas	23
2.9	Língua é forma	23
2.10	Insiste-se em perguntar: Por que o signo lingüístico não pode incluir a substância do som e a letra?	24
	<i>Obs.:</i> O assunto prossegue no capítulo III.	

3. RELAÇÕES/VALORES

3.1	Relações em língua	25
3.1.1	O processo «relação» tem sido aceito sem verificação crítica	25
3.1.2	Há diversos tipos	25
3.1.3	Pelo menos cinco faixas de relações/valores: a do morfema, a da palavra, a do sintagma, a da oração, a da combinação entre orações	25
3.2	Valores em língua?	26
3.2.1	A relação é portadora de significado	26
3.2.2	Relativismo da noção de valor	26
3.2.3	Significado em língua é um valor	27

3.2.4	Já afirmavam no começo do século	27
3.2.5	O significado não é a imagem mental	27
3.2.6	Valor semântico faz parte do sistema da língua	28
3.2.7	Há valores em diferentes níveis	28
3.2.8	Ao nível de sílaba é diferente	29
3.2.9	Valores semânticos ao nível sintático, apontados na Universidade de Lisboa em 1959	29
3.3	Relações com valores	29
3.3.1	Língua, conjunto de relações com valores	29
3.3.2	Realidade em dinâmica incessante	29
3.3.3	Jogo mais fácil de manejar do que de analisar na escola ..	29
3.3.4	O tecido de <i>relações com valores</i> organiza a substância fonética, e não vice-versa	29
3.3.5	Importante conhecer a trama virtual do sistema	30
3.3.6	Um método operacional	30
3.3.7	Como entender a forma e substância, tornam a perguntar ..	30
3.3.8	Ainda reflexões quanto ao signo lingüístico	31
3.3.9	Gráfico, procurando ilustrar as múltiplas relações com valores (desenho de Silvia Inês C. Coneglian)	32
3.3.10	Relações... entre o quê?	33
3.3.11	A ordem intelectual é espiritual	33
3.3.12	Volta a dúvida: difícil aceitar que entidades intelectuais se apoiem em substância fonética	34
3.3.13	Há diferentes tipos de subconjuntos de relações/valores	34
3.4	Evitando uma ambigüidade: <i>Parole</i> também é forma e não substância	35
3.4.1	Ocorre confusões por causa de diversos significados atribuídos às palavras, a substância, a <i>parole</i>	36
3.4.2	<i>Langue/parole</i> , dupla face de uma realidade lingüística	36
3.4.3	Cada uma das duas faces é da mesma natureza de forma, e não de substância	37
3.4.4	Reflexões sobre a <i>parole</i> de cada homem consigo mesmo	38
3.5	É próprio do homem estabelecer relações	39
3.5.1	Relações na ordem extralingüística e na lingüística	39
3.5.2	Algumas causas	39
3.5.3	Questão interdisciplinar	40
3.6	Fronteiras entre o lingüístico e o extralingüístico	40
3.6.1	R/V é fenômeno lingüístico	40
3.6.2	O ponto de partida extrínseco que o percebe e para o qual estabelece a R/V é de ordem extralingüística	40
3.6.3	As vezes a fronteira é clara. Outras vezes gera dúvidas	40
3.6.3.1	As causas dessas confusões parece não serem de ordem lingüística	40
3.6.4	Critérios para distinguir o lingüístico	40
3.6.5	Mas não haverá mesmo na língua nada de extralingüístico? ..	41
3.7	Cada nível destacável do sistema da língua é forma e não substância	41
3.7.1	Fonema, morfema, sintagma etc.	41
3.7.2	Estamos mal acostumados e os vemos como se fossem «coisas»	42
3.7.3	A reflexão humana precisou começar «de fora para dentro» ..	42
3.7.4	É-nos difícil vencer a deformação que, segundo Saussure, é uma «suposição involuntária»	42
3.7.5	Quantos decoram mais do que raciocinam!	42
3.8	O valor sema	42
3.8.1	Em que consiste o sema	42
3.8.2	Palavra, um pequeno contexto de semas. Ex.: relógio	42

3.8.3	Os semas que dão a noção geral, ao nível de palavras	43
3.8.4	Alguns lingüistas dizem estar aí o semema	43
3.8.5	A título de questionamento: ex. de semas em morfemas	43
3.8.6	Há poucas pesquisas nessa faixa	43
3.9	O valor semântico ao nível da sintaxe	44
3.9.1	Há diversos tipos de valores semânticos	44
3.9.2	Valores mais intrincados	44
3.9.3	O sistema abrange a abertura	44
3.9.4	Estudo simultâneo do conteúdo lingüístico e de sua expressão ..	44
3.9.5	Houve lingüistas que deliberaram excluir o significado	45
3.9.6	Urge examinar a faixa do conteúdo, pelo atraso a recuperar ..	45
3.9.7	Prevê-se a etapa de estudo simultâneo: semântica e sintaxe, em princípio, deveriam ser examinadas concomitantemente ..	45
3.9.8	Semântica da sintaxe envolve estudo simultâneo da sintaxe? ..	45
3.9.9	Na prática por enquanto há motivos provisórios para separar ..	45
3.9.9.1	Motivos	45
3.9.9.2	Requisito	46

4. UMA PROPOSTA E METODOLOGIA

4.1	Lugar da forma do conteúdo, isto é, da semântica, na gramática	47
4.2	Há mais de cem anos, alemães já davam prioridade à semântica	47
4.3	O lugar da semântica na gramática tende a se ampliar	47
4.4	Nossa proposta: noções de semântica sincrônica devem constar em gramática de língua portuguesa, sobretudo a semântica da sintaxe	47
4.5	Por que não incluímos desde já a semântica do léxico?	47
4.6	Das construções maiores para as menores é um método natural na vida dos observadores	48
4.7	Critérios para um método de análise semântica da sintaxe ..	48
4.7.1	O ouvinte (receptor, decodificador), posto de observação ..	48
4.7.2	Observar as relações obriga a investigar o contexto	49
4.7.3	Unidade a considerar: o valor lingüístico que é semântico ..	49
4.7.4	Analisar os valores assim como funcionam. (Ou selecionar apenas por questão didática)	49
4.7.5	Não decompor na ordem de elementos aparentes, mas sim na dos valores	49
4.7.6	Respeitar a lógica natural do homem à qual a língua obedece ..	49
4.7.7	Pode-se constatar que a língua tem sua lógica	50
4.7.8	Libertar-nos da mentalidade «lógico-gramatical» que a tradição legou, devido à sua artificialidade	51
4.7.9	Proceder por explicações adequadas e não por nomenclatura rígida	51
4.7.9.1	Indispensáveis: adequação, clareza e fluência, e supérfluo o prolixo	51
4.7.10	Tomar cautelas:	
a)	Não extrapolar para o não-lingüístico	51
b)	Enfrentar o risco da subjetividade	51
c)	Fugir de complicações terminológicas	52
4.8	O que falta no rigor deste método	52
4.8.1	Falta investigar simultaneamente os valores semânticos com as respectivas relações sintáticas	52
4.8.2	Falta completar a teoria da organização, isto é, da estrutura semântica da língua	54

5. ORGANIZAÇÃO DOS VALORES SEMANTICOS DE ACORDO COM A LÓGICA NATURAL

5.1	Setor sujeito, ser animado	55
5.2	Setor processo verbal	56
5.3	Setor coisa, objeto, ser inanimado	57
5.4	Setor caracterização	58
5.5	Setor circunstâncias:	60
	a) Quantidade	60
	b) Lugar	61
	c) Tempo	61
	d) Duração no tempo	62
	e) Binômios	63
5.6	Setor atitude do falante, manifestada pela língua	67
5.7	Indicação complementar: uma palavra, mudando de contexto, pode alterar o valor semântico das relações: ainda/já/até/pois/lá	69

6. CONSIDERAÇÕES, RESPONDENDO A PERGUNTAS (que chegaram após a redação do texto)

6.1	Então a escola não tem focalizado muito a natureza da língua?	72
6.2	Comentário de Anna Maria M. Cintra, que nos incentiva	72
6.3	O que seriam os elementos diferenciadores, as marcas constitutivas do fonema?	73
6.3.1	Como o fonema é intrigante!	74
6.4	Mas como a língua não é o som fonético? Com que o fonema se relaciona para constituir o morfema?	75

7. CONCLUSÃO, voltando à pergunta inicial: Qual é o objeto da semântica e o lugar desta gramática?

7.1	Reafirmação: o objeto da semântica é a forma do conteúdo lingüístico do signo lingüístico	77
7.2	Eugênio Coseriu e a semântica na gramática	77
7.3	Por terem relegado a semântica a um quase total «esquecimento», foi oportuno refletir a respeito da natureza da língua, para poder situar a semântica lingüística	78
7.4	Opinião de Pós-Graduandos de 1975 que incentivou as pesquisas dos anos seguintes	78
7.5	Uma página sintética enviada ao Dr. Evanildo Bechara em dezembro de 1977	79
7.6	Aos que querem exercitar a análise semântica	80
7.7	Apelo à crítica	81
7.8	Motivo da publicação	81
Colaboradores		83

AS GRANDES LINHAS DESTA FASCÍCULO

1.	Objeto da semântica lingüística	15
2.	O signo lingüístico: relação significante (de) valor/significado	19
3.	Relações/«valores»	25
4.	Uma proposta e metodologia	47
5.	Organização dos valores semânticos	55
6.	Considerações complementares	72
7.	Conclusão	77

PREFÁCIO

FASCÍCULOS DE SEMANTICA E SINTAXE PARA PROFESSORES DE PORTUGUÊS

Madre Olívia

A série SE/SI: Semântica e Sintaxe para uma Renovação da Gramática Portuguesa, começa com três fascículos: 1º) *Semântica e Sintaxe*. Reflexões para professor de Português. 2º) *Semântica e a Natureza da Língua*. Contribuição a uma gramática científica do Português e a uma teoria do signo lingüístico. 3º) *Verbo, Sujeito e Objeto*. Pesquisa na estrutura semântica da língua portuguesa.

Os professores de Português da PUC/SP, pesquisadores que trabalham também no I.P. — Instituto de Pesquisas Lingüísticas «Sedes Sapientiae» para Estudos de Português — na mesma Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, são de opinião que:

— é muito válido o esforço necessário para oferecer subsídios a uma gramática científica da língua portuguesa e a uma pedagógica, condizente com a ciência da língua.

O ensino gramatical, que já não era fácil, entrou em crise mais séria com o desenvolvimento da Lingüística. Tornou-se difícil, um uso adequado das mesmas gramáticas tradicionais. *DEBAS QUE ALIAS, REPUTAMOS ADMIRÁVEIS, SE NELAS NAO SE EFETUAR UMA REVISÃO* São muitos os colegas que buscam ansiosamente soluções imediatas que, a rigor, não resolvem e às vezes aumentam as dificuldades do conjunto. Há mesmo os que preferem abandonar de todo ou diluir o ensino gramatical, apoiando-se na ilusão dos que o julgaram coisa supérflua do passado.

Existe sim o problema da gramática, à qual compete descrever o sistema da língua e explicar seus diferentes usos, sem desmerecer nenhum.

Para um eficiente aprendizado de Português, a gramática é de todo indispensável, e estamos concentrando nossos esforços para colaborar na sua revisão.

Visto que as pesquisas se acham em fase de realização, pareceu preferível publicar em fascículos, e a Série SE/SI considera que o signo lingüístico em suas diferentes dimensões mantém a dupla face: /relação significante/ de /valor significado/. Aquela é objeto da

sintaxe, este, da semântica, e, se no signo não se separam, também semântica e sintaxe precisam caminhar juntas.

Eugênio Coseriu comentou que «a gramática deve ser semântica em sua totalidade», trecho que o fasc. 2 inclui na conclusão. Pensamos que ele concordará que a gramática é semântica e sintática em sua totalidade.

São comuns constatações como a seguinte: «Os adolescentes, nossos alunos, não sabem nem organizar seus próprios pensamentos. Então não conseguem falar direito, escrevem mal e não compreendem o que lhes dizemos ou o que lêem».

Professores e pais que notam esse fato não parecem cogitar que lhes cabe, em grande parte, a responsabilidade por essa lacuna. E dentre os professores, somos nós, os da língua materna, que poderíamos cooperar mais diretamente.

Por que dizemos isso?

Permitam-nos trocar algumas idéias com vocês:

a) Para um grande número, língua é instrumento de comunicação entre as pessoas e por isso a escola ensina dois códigos de natureza física: o das letras e o dos sons articulados, como se a língua consistisse neles.

Ora, o código da língua é todo ele um conjunto de *relações significantes* de natureza intelectual, não-física como letra e som, e é esse código que permite ao homem *verbalizar* o mundo, intelectualmente no seu pensamento.

Mas tal código apenas começa a ser investigado objetivamente ao nível de pesquisas científicas. A tradição tem considerado, de maneira mais ou menos tácita, que a «competência lingüística intuitiva» é suficiente.

Se fosse, ela bastaria para todos saberem raciocinar, e ninguém diria, como tantos fazem, que os jovens não conseguem organizar os próprios pensamentos.

b) A língua não é só meio de comunicação com os outros. Antes disso ela é o instrumento com que o homem inteligente *significa* para si, o mundo ao seu redor, tomando conhecimento dele no processo vital da inteligência que é ato de pensar, verbalizar, raciocinar.

A comunicação do eu consigo mesmo, mediante o código próprio da língua, condiciona e precede a comunicação com os outros, requerendo outros códigos para canalizar o primeiro na ordem da substância visível e audível.

c) Então o sujeito-pensante, requisito para o emissor e o receptor das comunicações orais e escritas, precisa ocupar a atenção e o trabalho dos professores de Português.

A respeito da língua materna, cada indivíduo necessita adquirir habilidade em três posições, e não somente em duas:

1*) a do sujeito-pensante, codificador e decodificador consigo mesmo na tomada de consciência e de conhecimento;

2*) a do sujeito-pensante, codificador na comunicação social;

3*) a do sujeito-pensante, decodificador na comunicação social.

d) O código primeiro, que é o da língua, consiste num sistema de relações significantes que não pode ficar apenas à mercê de intuições para muitos mais ou menos vagas. Merece que a pesquisa e o ensino lhe dêem atenção, lugar e tempo.

Julgamos que somente assim será possível atenuar as falhas tanto na organização dos pensamentos como na comunicação com os outros.

e) As duas ciências (pois que são dois processos), a da língua e a da comunicação social, se complementam, mas são duas. E tem havido confusões a esse respeito: alguns referem-se à comunicação com os outros como sendo ou envolvendo a língua a ponto de se reduzirem quase a uma coisa só.

Importa distinguir. A aparente inserção das «relações significantes de valores significados», digamos das *relações/valores* do sistema lingüístico, na ordem física da comunicação interpessoal, não modifica a natureza do sistema da língua, que continua sendo inteiramente intelectual, não-física como sons e letras.

Se até hoje muitos misturaram língua e comunicação, esse engano foi desvantajoso para ambas e para os homens.

f) Por tudo isso, a língua materna, cuja competência na infância é adquirida por intuição, precisa ser mais conhecida e melhor aprendida na escola para ser eficaz na dimensão do ato intelectual que permite conhecer e, conhecendo, amar.

Quando for mais conhecida e melhor ensinada, conseqüentemente se tornará instrumento mais adequado da comunicação com os outros.

Para entender o fenômeno lingüístico que marca intensa e extensamente a vida humana, é necessário pesquisar. Também o é para melhorar a qualidade das comunicações que a vivência comunitária solicita.

Não queremos ser dos que derrubam o passado para construir o presente. Preferimos aproveitar ao máximo o esforço imenso da tradição e evoluir a partir dela. Mas somos, como já escrevemos alhures, dos que pensam como Galileu pensava: «A ciência precisa da pesquisa e esta somente se justifica se contribuir para aliviar a dureza da vida humana».

g) Publicações do I.P. até julho de 1978:

Série: PRÁTICA DE PORTUGUÊS

n. 1. *Termos da Oração* (análise sintática). 5ª ed.

n. 2. *Relacionamento entre Orações*. 6ª ed.

n. 3. *Colocação de Pronomes*. 3ª ed.

n. 4. *O Emprego da Crase*. 3ª ed.

Volumes editados por J. Ozon de que restam alguns exemplares:

Uso da Virgula

Regência Verbal

Concordância

Valores da Preposição

Série: PRÁTICA DE ANÁLISE SEMÂNTICA NO APRENDIZADO DE PORTUGUÊS

- n. 1. *Iniciação à Análise Semântica*. 3ª ed. esgotada (nova ed. em estudo).
- n. 2. *Treinamento em Análise Semântica*. 3ª ed. por Vozes.
- n. 3. *Análise Semântica Aplicada a Textos*. 3ª ed.

LIVROS: *Nova Análise Semântica*. Ensaio de contribuição ao conhecimento da dinâmica da língua e para colaborar na renovação do ensino de Português. (Restam poucos exemplares).
Nova Semântica. Contribuição à teoria semântica. A 4ª ed., no prelo, sob a forma de fascículos.

Série: SE/SI: SEMÂNTICA E SINTAXE PARA UMA RENOVAÇÃO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA

- Fascículo n. 1. *Semântica e Sintaxe*. Reflexões para professor de Português (no prelo).
- Fascículo n. 2. *Semântica e a Natureza da Língua*. Contribuição à semântica numa gramática científica do Português e a uma teoria do signo lingüístico (no prelo).
- Fascículo n. 3. *Verbo, Sujeito e Objeto*. Pesquisa na estrutura semântica da língua portuguesa (no prelo).

Série: JOGOS DE ORTOGRAFIA (pela Apoio S/A)

- n. 1. *Emprego de G - J*.
 - n. 2. *Emprego de X - CH*.
 - n. 3. *Emprego de S - Z*.
 - n. 4. *Emprego de C - S - Ç - SS*.
- Jogos de acentuação* (em estudo para entrar no prelo).

Série: JOGOS DE LINGUA PORTUGUESA
[enquanto relações/valores] (em fase de pesquisa e elaboração)

Encerrando, deixamos nosso endereço para facilitar o que desejamos muito receber dos caros Colegas: críticas e sugestões.

I.P. (Instituto de Pesquisas)
Rua Monte Alegre, 984, sala 25 (PUC/SP)
05014 São Paulo - SP

OBJETO DA SEMÂNTICA LINGÜÍSTICA

1.1 — Qual o objeto que compete à semântica investigar?

E que lugar ocupará na gramática do Português?

1.2 — Tradicionalmente o objeto da semântica consiste no «estudo da significação dos vocábulos e das transformações de sentido por que estes mesmos vocábulos passam».¹

1.3 — Agora com as pesquisas sincrônicas, entende-se que o objeto da semântica é o *significado das relações significantes* que formam o sistema da língua.

Em outras palavras: o objeto da semântica é a FORMA do CONTEÚDO lingüístico da FORMA da EXPRESSÃO lingüística. (A repetição do adjetivo e do substantivo é proposital.)

1.4 — Tratando-se de perspectiva recente e de estudo complexo (complexo pela mesma simplicidade que apresenta), esta explicação inicial requer alguns comentários a respeito da natureza da língua.

1.5 — Parece oportuno lembrar um trecho de Saussure:

«Língua é forma e não substância. Nunca nos penetraremos bastante dessa verdade, pois todos os erros de nossa terminologia, todas as maneiras incorretas de designar as coisas da língua, provêm da suposição involuntária de que haveria uma substância no fenômeno lingüístico».²

1. Evanildo Bechara. *Moderna Gramática Portuguesa*, São Paulo, Editora Nacional, 19ª edição, 1975, p. 340.
2. Ferdinand de Saussure. *Curso de Lingüística Geral*, São Paulo, trad. Cultrix, p. 141.

1.6 — Os capítulos que seguem procuram explicar a densa afirmação de que *língua é forma*, manifestada assim com a palavra «forma» de vários significados, ambígua portanto, num período em que predominavam mentalidades positivistas¹⁵⁷⁴⁵ em certos grupos de estudiosos do fenômeno lingüístico.

**COMENTARIOS ELUCIDATIVOS
DA
QUESTÃO CENTRAL:**

*Língua por sua natureza é
forma e não substância.*

O SIGNO LINGÜÍSTICO

2.1 — *O signo tem dupla face.*

O signo lingüístico tem dupla face: a do conteúdo (significado), e a da expressão (significante). Não são duas entidades que possam existir ora separadas, ora conjuntamente. Estão sempre coesas e se as «separamos» no estudo, é por questão de método.

O significante somente o é, por ser portador de significado.

Como à Gramática cabe descrever o sistema da língua, não pode omitir nenhuma das duas faces do signo.*

2.2 — *Significado/significante.*

Caberia indagar como um significado se relaciona a um significante.

A pergunta reflete uma espécie de deformação ou está mal formulada. *Um significante só começa a ser significante a partir do momento em que significar algo.* O significado faz o significante.

Não se perguntaria como um viajante se relaciona a viagens pois estas é que fazem aquele ser viajante. Falante é falante por falar, servente por servir etc.

Não se trata de significantes independentes de significados. A razão de ser daqueles são estes. Daí a unidade do signo lingüístico e sua dupla face.

Não se entenda «um significante mais um significado» e sim ~~de~~ «significante que^é pelo fato de ter um significado».

O significante só é significante por significar. O significado faz o significante.

3. Entendemos por "gramática" nesta pesquisa a descrição do sistema da língua e a explicação de seu funcionamento em diversos usos.

Não são duas realidades autônomas que entrariam em fusão, mas dois ângulos do único elemento que vem a ser o *signo lingüístico*, por isso mesmo dito de «dupla face».

2.3 — Os sons, uma substância.

Os sons que o aparelho fonador produz são uma dentre as muitas substâncias que existem. Resultam de vibrações das cordas vocais ou do ruído de articulações de órgãos da boca. Em si constituem uma coisa de ordem extralingüística. Podem ser gravados, medidos em laboratórios.

A língua se utiliza deles, mas não consiste neles.

A língua humana não consiste nesses sons — por mais estranho que pareça a alguns — mas deles se utiliza. Ela é FORMA por ser conjunto de RELAÇÕES, aliás numerosas, tanto que praticamente não se pode apontar o limite.

Apesar do número definível de fonemas, a criatividade humana «organizou» um «jogo» muito habilidoso que ficará aberto a cada nova geração.

Todo o sistema lingüístico é de ordem intelectual; não é ele que requer um suporte na substância física; é o homem cuja inteligência necessita do apoio da matéria física para a comunicação com outras pessoas.

Lembremos a comparação com o jogo de xadrez. A madeira com que fazemos as figuras do jogo não constitui o próprio jogo. Este acha-se nas combinações virtualmente possíveis e que no ato de jogar entram em realização.

A substância da matéria utilizada neste jogo, e no da língua também, só indireta e extrinsecamente pode ser considerada parte dele, e não interfere na engrenagem própria de sua estrutura nem de sua dinâmica.

Aliás, se o som fonético fizesse parte do sistema lingüístico, seria coerente pensar que a «letra escrita, o pergaminho, o papel etc.» também fariam.

2.3.1 — A ciência do som fonético é pré-liminar à da língua.

Uma comprovação de que o fonético não faz parte integrante da natureza da língua: nesse nível existem muitas «línguas» porque ele pode variar, mas o fenômeno lingüístico continua existindo de acordo com o que é, «forma e não substância», o que permite a busca dos universais lingüísticos.

A rigor as diferenças fonéticas não são as marcas das diferenças fonológicas. Estas situam-se no tipo de combinação de «relações com valores».

2.4 — A língua também não consiste na imagem mental.

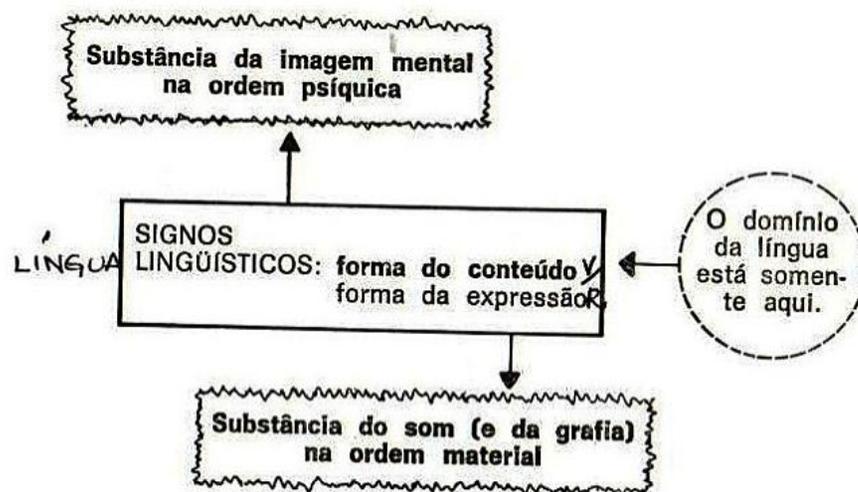
A língua também não é o pensamento humano, nem as coisas que o pensamento apreende como as imagens mentais.

O sistema, *langue*, e seu emprego, *parole*, tudo na língua é um conjunto de relações/valores⁴:

- Relações/valores já na invenção da unidade, o SIGNO de dupla face solidária, significado/significante que faz referência a imagens mentais sem ser estas e que se apóiam em sons físicos sem ser estes.
- Relações entre dois ou mais signos, em complexidade geralmente crescente, sem limite preestabelecido, pois que o processo de relacionar está à mercê da inteligência humana sempre criativa.

2.5 — Gráfico mostrando a faixa propriamente lingüística.

A língua utiliza substância em duas direções⁵:



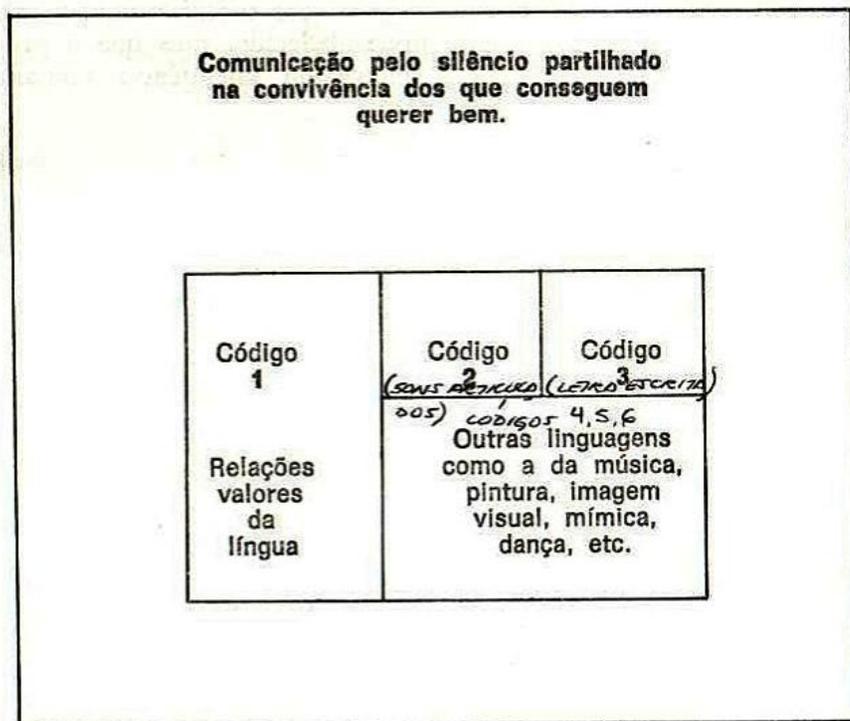
4. O capítulo III tratará da questão "Relações/valores".

5. O gráfico inspirou-se em F. de Saussure: *Curso de Lingüística Geral*, São Paulo, trad. Cultrix, 4ª ed., 1972, p. 131.

O objeto dos estudos propriamente lingüísticos é a faixa dos signos na sua dupla face, sempre no âmbito das «formas», isto é, de relações/valores (ver explicação adiante).

Alguns aludem à «substância do conteúdo lingüístico»; ela existe, mas é algo de extralingüístico, e tratando-se de semântica, não constitui seu objeto. As imagens mentais, as idéias, serão objetos de outras ciências, como a psicologia e a filosofia, por exemplo.

2.6 — *Gráfico: A língua no processo amplo das comunicações.*



Legenda dos três códigos:

- 1) Código de relações/valores com que a inteligência humana verbaliza o mundo a seu alcance.

É a língua verbal, forma e não substância.

Requisito indispensável para os códigos 2 e 3.

2) Código dos sons articulados.

3) Código da letra escrita.

2.7 — *Fronteiras da semântica lingüística.*

De acordo com a natureza da língua e portanto dos signos lingüísticos, cabe à semântica o estudo do significado (assim como compete à sintaxe o das relações significantes).

Em outras palavras, a forma do conteúdo lingüístico é domínio semântico.

2.8 — *O signo lingüístico, não abrangendo substância física, é assunto que tem sido difícil de explicar oralmente e por escrito.*

Como explicar a qualquer um que a língua humana não consiste diretamente em sons e, sim, em relações com valores? Não tem sido fácil. A porta de entrada à língua parece estar justamente nos sons.

E, há tantas gerações, o enfoque foi dado a partir dele. Então o fenômeno «língua» — que se encontra para lá dos umbrais — continua sendo uma espécie de mistério a desafiar os estudiosos, a «cansar os estudantes» e a constringer os que procuram empregá-la.

Alguns nunca pensaram nisso. Aliás, o engano é fácil, pois o funcionamento do sistema nos chega aos lábios e aos ouvidos mediante a substância dos sons.

Todavia Saussure no começo do século já havia assinalado a facilíssima confusão, conforme já lembramos.*

Dai as dificuldades. Tem sido complicado aprender e ensinar língua, pois a escola julga dar os três códigos quando cuida sobretudo do 2º e do 3º.

2.9 — *Língua é forma.*

A palavra «forma» presta-se a vários significados.

Ao aceitar a afirmação de que «língua é forma e não substância», compreendemos que ela é um conjunto de relações com valor.

Obs.: O capítulo 3.1 tratará de relações em língua. O 3.2 de valores. E o 3.3 de relações com valores.

6. F. de Saussure, *op. cit.*, p. 141.

LINGUA é «forma» — tecido de relações com valor — que, em dado momento, a outra geração recebe como sendo SUBSTÂNCIA, isto é, uma realidade sonora e escrita, pronta, que é só usar?

A segunda geração ou as outras gerações recebem a língua mediante a substância dos sons articulados, supondo transmissão oral e a gráfica das letras, na comunicação escrita. Terá espontaneamente a impressão de que a língua seja essas coisas.

Se não aguçar o espírito crítico e o uso da inteligência para discernir além do aparente, ficará sem condições de vencer a ilusão.

Sobretudo na medida em que se contentar com a utilização das construções lingüísticas que terá ouvido e procurará imitar.

Mas a matéria do papel que veicula o valor «dinheiro» será que transforma o papel em dinheiro? Ou facilita o engano, obliterando a questão do «valor» que é essencial ao dinheiro?

2.10 — *Insistem em perguntar: Por que o signo lingüístico não pode incluir a substância física do som fonético e da letra gráfica?*

Entre outros, eis alguns motivos:

- Não pode, porque fazer tal inclusão conduziria a uma posição teórica contrária à natureza da língua e manifestaria uma falsa noção de signo lingüístico.
- Misturar relações/valores — intelectuais — com coisas de substância física é uma falha de discernimento.
- O signo lingüístico só pode ser um conjunto de relação/valor.

Obs.: Ainda falta uma teoria completamente satisfatória do signo lingüístico. Este fascículo foi iniciado com o trecho que continua a nos chamar a atenção: «Em matéria de língua (os lingüistas) contentaram-se em operar com unidades mal definidas»* (Saussure, *op. cit.*, p. 129).

O signo lingüístico volta a ser tratado na parte 3.3.8 e de maneira ampla em todo o capítulo III que faz reflexões a respeito de relações/valores.

* TENTAMOS ESSA PEQUENA CONTRIBUIÇÃO MAS A CAUSA REQUER O TRABALHO DE MUITOS PESQUISADORES E DE INVESTIGADORES INTERDISCIPLINARES COMO, ALÉM DA LÍNGUA, FILOSOFIA, PSICOLOGIA, ANROPOLOGIA ETC.

PARA CHEGAR A ESSA UNIÃO DE FORÇAS, CADA CIÊNCIA PRECISA CONHECER SUA PRÓPRIA ÁREA.

RELAÇÕES/VALORES

3.1 — *Relações em língua.*

3.1.1 — No sistema LINGUA, merece atenção mais imediata a relação que articula signos de dupla face no jogo do sistema. Ela multiplica os contextos e possibilita a dinâmica do raciocínio, ou seja, da «comunicação do eu consigo mesmo» de que resulta a tomada de consciência, assim como o conhecimento e da comunicação interpessoas. *TÊM SIDO PROPORCIONALMENTE POUCO ESTUDADAS. SÃO A CERTAS DE MANEIRA TÁCITA, SEM VERIFICAÇÃO CRÍTICA.*

3.1.2 — Haverá diversos tipos de relação e, portanto, de «forma», na língua? Sem dúvida, por haver diferentes tipos de relacionamentos virtuais em cada nível.

Forma na faixa do conteúdo. Exemplo: os valores semânticos.

Forma na faixa da expressão. Exemplo: fonemas, morfemas, sintagmas.

Forma na coesão entre significado/significante: no signo lingüístico.

Cada tipo de forma terá sua própria organização sendo todas elas intercomplementares, e é de se pensar que haja a grande organização geral que garante a solidariedade do conjunto.

3.1.3 — Pode-se distinguir pelo menos cinco faixas de relações dotadas de significado: a do morfema, a da palavra, a do sintagma, a da oração e a da combinação entre orações.

Que haja igualmente na palavra e no morfema — como de fato há — talvez essa questão pareça menos clara.

O intrincado das relações com seus valores, eis a FORMA da língua.

Para efeito de estudo, deverá ser observada sob vários aspectos:

- 1º) ao nível do valor semântico que acompanha as relações sintáticas;
- 2º) ao nível do morfema que requer o valor *sema*;
- 3º) ao nível do fonema, enquanto «aptidão para diferenciar significados». (E não como feixe de traços articulatórios que se baseiam em fonética.)

É necessário investigar melhor a presença de **RELAÇÕES** em língua.

Obs.: A questão prosseguirá após tratar dos valores em língua.

3.2 — Valores em língua.

3.2.1 — A relação é portadora de significado; daí, o seu valor.

Esse dado merece nossa atenção: a relação significante é portadora de significado, e justamente aí, no significado das relações, encontram-se os *valores* lingüísticos.

Já não havia dito Saussure: «A língua só pode ser um sistema de valores...?»⁷

E Saussure continua um pouco mais adiante «... (a palavra) fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação, como também, e sobretudo, de um valor... O valor, de qualquer termo que seja, está determinado por aquilo que o rodeia...»⁸

Convém deixar claro que **SIGNIFICADO LINGÜÍSTICO** é valor:

O significado que juntamente com o significante constituem a dupla face do signo tem a natureza de **VALOR SEMÂNTICO**.

3.2.2 — «Valor» é noção sempre relativa enquanto decorre de «... x ... em relação a ... y ...».

Em finanças, por exemplo:

x ... = a nota de Cr\$ 50,00;

y ... = as coisas permutáveis por essa nota.

Moedas e notas de dinheiro significam coisas com-práveis; não são as coisas; valem por elas. São valores.

7. F. de Saussure, *op. cit.*, p. 130.

8. *Idem*, p. 134.

No campo educacional, x ... = os conceitos muito bom, bom, regular etc. que a escola costuma atribuir aos alunos; y ... = o comportamento dos estudantes. O conceito **VALE** o procedimento que ele **SIGNIFICA**, mas não é tal procedimento.

EM LÍNGUA:

— x ... = a relação interna da dupla face na coesão do signo e as demais relações entre signos.

— y ... = imagens mentais.

Aqui também x... significa e VALE y ... mas não é y ...

3.2.3 — Insistir não será demais. *O significado em língua é sempre apenas um VALOR*. Não pode ser outra coisa. Signi-ficar algo é «ficar sinal de algo», «equi-valer» a esse algo.

Mediante outro raciocínio:

— se significado lingüístico é **VALOR SEMÂNTICO**,

— se valor semântico é significado de relações,

— então qualquer significado, por ser valor, será «significado de alguma relação?»

Resposta: — Sim, em qualquer significado lingüístico deve haver algum jogo de relação ou de relações.

Aliás, por isso mesmo **LÍNGUA É FORMA**, e não substância. Forma, isto é, «conjunto de relações com valores».

3.2.4 — Algumas afirmações do começo do século XX enxergavam bem claro: «Tudo se baseia em relação»⁹

«Um conceito isolado, fechado em si mesmo, nada é. A relação, a afirmação de relações, domina o nosso espírito».¹⁰

3.2.5 — *O significado não pode ser a imagem mental.*

- a) A imagem mental participa da substância da mente humana: o homem vê e adquire conhecimento das coisas e estas se refletem na inteligência, faculdade que permite «perceber, conhecer», como os objetos refletem imagens no espelho. (Dessa analogia com espelho, vem nossa maneira de falar em «imagens» mentais).
- b) Ao passo que o *significado*, mesmo sendo também uma realidade inventada pela inteligência, é da natureza da língua,

9. F. de Saussure, *op. cit.*, p. 142.

10. Henri Delacroix. *Le langage et la pensée*, 2ª ed., Paris, Ed. Félix Alcan, 1930, p. 14.

forma e não substância, fruto de relações, tanto internas no próprio signo ou entre signos, como de relações também com as imagens mentais que o homem procura exprimir por meio da língua.

- c) O significado lingüístico supõe a imagem mental à qual faz referência, com a qual estabelece relação. São duas entidades.
d) A imagem mental, que uns identificam com «conceito», parece ser mais ampla, pois a língua humana não consegue transmitir tudo que a inteligência vê, percebe.

Os que têm muito a dizer, muitas vezes, são calados, sofrem dos limites da língua ^{dicoma} que diz pouco, diz mal, diz confuso, levando a tantos e cotidianos mal-entendidos.

Seria por falta de treinamento com base na organização das relações com valores que constituem a FORMA DA LÍNGUA?

3.2.6 — Valor semântico faz parte do sistema da língua. Encontra-se na dimensão da forma do conteúdo lingüístico como significado de relações.

São usados desde a infância. E mal os conhecemos de conhecimento consciente. Temos dificuldades em verbalizá-los. Mas como descrever o sistema da língua, sem abrangê-los?

Como explicar o funcionamento do sistema, sem analisar a organização semântica?

3.2.7 — Haverá valores em diferentes níveis? Sem dúvida, pois a língua em sua totalidade é um sistema de valores.

E porque «valor» está no *significado* de relação, Coseriu pôde afirmar (como lembraremos na conclusão) que a totalidade do idioma supõe a semântica.

Considerando R como sendo relação, eis alguns níveis:

- do morfema R + R (valor constituído de um ou poucos semas);
- da palavra R + R + R (de três, quatro ou mais semas);
- do sintagma ... R + R + R + R (já inclui a relação entre palavras);
- de orações R + R + R + R + R (VALORES MAIS COMPLEXOS);
- de um texto (cada vez mais entrelaçados).

3.2.8 — Ao nível da sílaba isolada, não haveria significado nem valores, portanto. É processo de outra natureza. Constitui unidade que se apóia diretamente na substância fonética dos sons. E a língua não é nenhuma substância.

Aliás, existirá sílaba isolada no sistema? É isolável apenas no código do som articulado e no da letra gráfica.

3.2.9 — Quanto aos valores semânticos da sintaxe, deles a Universidade de Lisboa já tratava em 1959, ainda que sem a atual sistematização. Entre nós eles vêm sendo investigados há dezessete anos, em parte sob o patrocínio da FAPESP: Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

3.3 — *Relação/valor em língua.*

Se tratamos de relação (no item 3.1), de valor (no item 3.2), importa prosseguir notando que não são separáveis.

3.3.1 — *Conjunto de relações com valores entre relações com valores.* Assim a língua não participa das coisas sólidas, nem líquidas, nem gasosas etc da ordem física. É realidade intelectual, de equilíbrio sempre naturalmente movediço, agilíssima para se reequilibrar de maneira contínua. Trama de relações com valores entre relações com valores.

Os «pontos terminais» de cada relação com valor serão «iniciais» de novas relações com valores. Onde acaba um, pode começar outro. Uma relação com valor será o que outra deixa de ser, ou deixou de ser.

Um jogo com possibilidades sempre abertas.

Em língua (tanto em *langue* como *parole*) tudo são relações com valores.

3.3.2 — Sendo uma realidade em dinâmica incessante, fica, por sua própria natureza, sujeita à influência de diversos fatores, que sem prejudicá-la acarretará modificações: lugar, época, situação histórica, sócio-cultural dos falantes, ouvintes etc.

3.3.3 — Por enquanto tem sido um jogo mais fácil de manejar espontaneamente, pelo menos como se consegue..., do que de analisar na escola.

3.3.4 — O tecido de relações com valores é que organiza a substância fonética. Houve quem pensasse no processo

contrário e os impasses ficavam. Também é pelo jogo de relações com valores que o homem organiza no plano lingüístico a substância das imagens e das intuições que o espírito humano é capaz de ter (ver 3.3.13).

3.3.5 — A grande realidade lingüística, que precisa ser mais conhecida e portanto mais pesquisada, vem a ser essa trama virtual do sistema que possibilita as combinações concretizáveis em atos de fala, sejam individuais no raciocínio, ou entre pessoas.

3.3.6 — Um método que conduz à investigação dos conjuntos de relações com valor é a análise dos valores semânticos em contextos lingüísticos, ao nível portanto da «forma do conteúdo» no plano sintático.

Focalizá-los diretamente, sem «preocupação» prévia nem simultânea com a forma de expressão — que abrangeria outros possíveis tipos de valores —, torna a investigação operacional e ela deixa de ser tão difícil como parece teoricamente.

(Ver adiante uma tentativa para ilustrar as múltiplas relações que dão origem ao tecido de relações com valores entre relações com valores, à forma que é a língua, observada em si mesma, na sua própria natureza, independentemente do apoio na substância fonética).

3.3.7 — Como entender «forma» e «substância»?

a) Os seres dotados de substância são «indivisos» em si, subsistem por si. Exemplo:

— pedra	substância de natureza mineral, sólida
— cachorro	» » » animal
— árvore	» » » vegetal
— homem	» » » animal, racional
— som articulado ..	» » » física
— imagem mental ..	» » » psíquica
— etc.	

b) Tais seres não são algo que consista apenas de «relações entre relações» como é a língua (*langue* e *parole*), pois língua é «forma», não é substância.

c) Exemplo de algo que consiste em relações: o valor «dinheiro», que decorre da relação entre x ... y ... feita por estimativa dos homens, para facilitar a vida em sociedade.

- x = o boi (de Pedro)
- y = os motivos que João tem para querer o boi.
- dinheiro = o valor da troca (Pedro fica com o dinheiro e dá o boi).

Obs.: A nota em papel-moeda, ou o metal da moeda, não são o dinheiro.

O cálculo que Pedro e João fizeram, também não.

O valor decorrente das relações, sim.

d) As relações não são seres indivisos em si; surgem da aproximação que o homem inteligente faz entre a ... b ... c ...

Mudando os pontos de referência, o valor da relação muda.

Uma só existe enquanto requer outra(s).

Alterando esta(s), aquela se modifica etc.

«TUDO NA LINGUA SÃO RELAÇÕES COM VALORES. NADA É SUBSTÂNCIA», a não ser como apoio na comunicação social, mas não na natureza da própria língua.

3.3.8 — Ainda reflexões quanto ao signo.

QUE ENTIDADE É ESSA, O SIGNO LINGÜÍSTICO, SE PROCURARMOS CONHECÊ-LO DIRETAMENTE NA SUA PRÓPRIA NATUREZA e não no apoio da substância fonética que ela utiliza?

Por natureza, os signos lingüísticos são **RELAÇÕES COM VALORES**. Em língua, tudo depende de relações com valores.

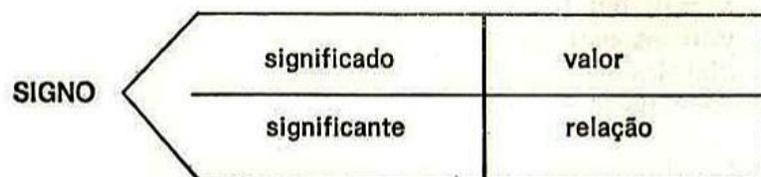
Note-se que não dizemos «relações e valores», mas sim **RELAÇÕES COM VALORES**.

Relações de ordem extralingüística que nada signifiquem ao nível da língua não pertencem ao seu sistema.

E a relação com significado é igual à relação com valor, pois que o valor da relação está justamente naquilo que ela significa.

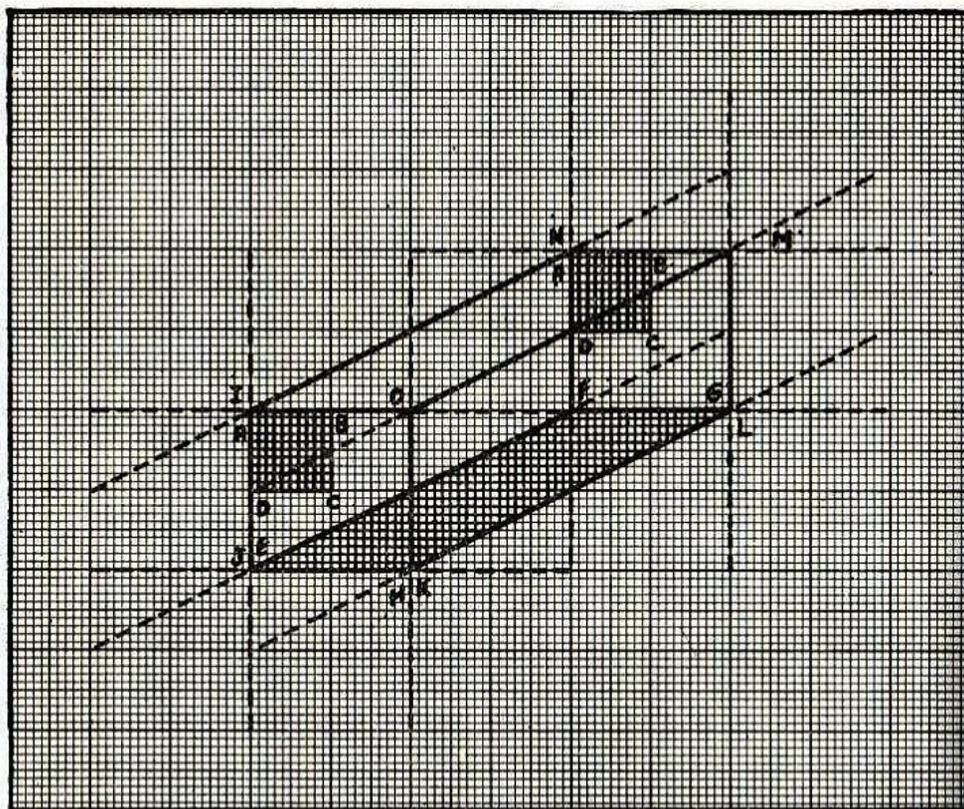
Repetimos: valor = significado de relações.

Não são, pois, duas coisas independentes em língua. São a mesma entidade do signo lingüístico, explicada mediante ângulos diferentes:



3.3.9 — *Como ilustrar as múltiplas relações que constituem a língua humana.*¹¹

1. Camada ABCD — valor de fonemas.
2. Camada EFGH — valor de semas (em morfemas).
3. Camada OIJKLMN — valor semântico em construções sintáticas.



Elaboração de: Sílvia Inês Caldeira Coneglian

11. O desenho em papel milimetrado foi intencional. Em toda a extensão e espessura sólida, há numerosos pontos angulares e, portanto, relações com valores, para abrir e/ou fechar relações com valores. Por sugestão de Anna Maria de Assis Pacheco, o desenho deveria ficar inacabado, visto que o sistema da língua não é um todo fechado.

Unidades básicas:

1. — FONEMA (plano da expressão) (= da relação).
2. — SEMA (plano do valor — conteúdo).

- Cada ponto angular relacionando-se com qualquer outro ponto...
- Cada relação significando algo...
- O significado de relações sendo VALOR semântico.

3.3.10 — *Resta saber: relações ... entre o quê?*

Na língua, os «pontos terminais» de cada *R com V* (leia-se «relação com valor») são centenas e centenas, com novas possibilidades sempre abertas.

Relações entre o quê? — *R com V* entre *R com V*.

A natureza desses mesmos pontos terminais é da mesma natureza das relações com valores. Em língua tudo são relações com valores.

Onde acaba uma *R com V* começa outra. Uma será o que a outra deixou de ser, ou deixa de ser.

E os pontos terminais são moveidinhos.

Estão sujeitos a alterações por influência de diversos fatores intrínsecos e extrínsecos à língua, mas não ao homem que inventou a língua. Estão de acordo com a natureza desta: um «tecido de *R com V*».

Lembramos alguns fatores de mudanças: grau de inteligência e de desenvolvimento do falante-ouvinte, enquanto pessoa individual, ou enquanto cada uma é membro de sociedade, ou de sociedades; lugar, época, situação histórica, sócio-cultural etc.

3.3.11 — *A ordem intelectual é também espiritual.*

A inteligência é faculdade própria do espírito humano.

Só os seres dotados de espírito são também dotados de inteligência capaz de estabelecer relações com valor, forma e não substância.

Constata-se que quanto mais intensa for a vida espiritual, tanto mais intensa pode ser a vida da inteligência. E vice-versa.

E os que levam uma existência sobretudo material desenvolvem menos as faculdades do espírito: inteligência, vontade, liberdade, responsabilidade, criatividade, intuição etc.

3.3.12 — Volta a dúvida da substância fonética: difícil aceitar que entidades intelectuais — trama do R com V — se apóiem em substância fonética?

A natureza do homem — espírito/matéria — assim o requer.

Muitos já observaram que nada chega à nossa inteligência, vindo de fora, sem passar antes pelos sentidos.

Mas a substância fonética não constitui elemento da natureza da língua. É instrumento de apoio, suporte, na ordem do sensível material para o outro fenômeno que é o da comunicação entre pessoas.

Como investigar esse «tecido» de relações com valores que faz a língua ser forma, diretamente em si, sem apoio na substância fonética?

A primeira impressão parece difícilimo.

VER intelectualmente o «tecido de R com V» é possível. Comunicar o que se vê exige o emprego da fala interpessoal e esta se apóia na substância fonética.

Tal substância acha-se assim «presente» e todavia — não será inútil insistir em repeti-lo — o tecido de R com V não consiste nessa substância.

Está para lá, além, aquém, operacionalizando a investigação, em sua fase inicial, à medida em que esta se desenvolver, poderá descobrir novos métodos (ver 3.3.6).

3.3.13 — *Se tudo da língua são «relações/valores», deve haver diferentes tipos de conjuntos de relações/valores.*

a) A diferença entre entidades como fonema, morfema, sintagma, está na dimensão do conjunto de relações/valores que cada qual comporta.

b) O conjunto menor será o fonema? Menor sob que ponto de vista?

O fato de existirem poucos fonemas e de, sendo poucos, atuarem muito, atuarem em todas as outras entidades da língua, não poderia fazer-nos desconfiar que o fonema supõe o maior conjunto de relações/valores?

A totalidade dos conjuntos de relações/valores da língua explica-se com aproximadamente 33 fonemas.

Ao passo que a multiplicidade das relações/valores das estruturas sintático-semânticas (tradicionalmente assim consideradas) não se explicaⁿ somente com 33 fonemas; elas supõem

ainda os morfemas (outro conjunto), combinados com palavras (outro conjunto), com sintagmas (ainda outro) e com orações (outro mais uma vez).

Mas não importa no momento saber qual o maior ou o menor conjunto. De utilidade principal é distinguir diferentes tipos de conjuntos de relações/valores, assim como de subconjuntos.

c) O grande conjunto de relações/valores do sistema global abrange subconjuntos. Por exemplo: fonema, morfema, palavra, sintagma, oração, período, texto.

<i>Subconjuntos</i>	<i>No apoio da substância fonética</i>	<i>Na trama que é a FORMA lingüística</i>
Fonema	Seria o menor e o menos numeroso	É aquele que está presente em qualquer dos outros subconjuntos
Morfema	Maior que o fonema e já mais numeroso	— não está presente no fonema — acha-se nas palavras e, mediante estas, nos sintagmas
Palavra	Geralmente maior que o morfema	— não está presente no morfema, e sim no sintagma
Sintagma	Maior que a palavra	— presente nas construções sintáticas
Construções sintáticas (em dimensões progressivas)	Maiores que o sintagma	— presentes nos textos, nos contextos

3.4 — *Esclarecendo uma ambigüidade: alguns só aceitam «parole» na substância. Mas «parole» também é «forma» e não «substância».*

3.4.1 — Reflexões a partir da seguinte objeção: «... o ato de *parole* seria substância lingüística».

Não estariam fazendo confusões por causa dos diversos significados que têm sido atribuídos às palavras «forma» e «substância»?

E não haveria imprecisão a respeito de *parole*?

Tratando-se de língua:

FORMA:

É a realidade constituída pelo conjunto de RELAÇÕES com valores. São as próprias RELAÇÕES com valores que criam as unidades próprias da língua humana.

SUBSTANCIA:

É aquilo que torna um ente qualquer, indiviso em si mesmo, indivíduo, portanto. As coisas de nosso mundo são dotadas de substâncias: minerais, vegetais, animais...

A natureza de tais seres requer substância.

A natureza da língua é diferente: consiste apenas numa trama de relações, atividade da inteligência do homem.

E «PAROLE»?

Se ela não é substância fônica do som, o que será? A *parole* só pode ser como a *langue*, apenas conjunto de RELAÇÕES com valores, simplesmente isso.

Difere de *langue* enquanto o «virtual» não é o «atual», a «potência» não é o «ato». O que entra em ato é aquela mesma realidade contida virtualmente na potência.

A *parole* para alguns está associada à fala oral entre pessoas, mas a distinção *langue/parole* não se situa nessa faixa pueril de compreensão. A *parole* está presente no uso da linguagem interior e aí não ocorre o apoio dos sons fonéticos. Quando raciocinamos, estamos «falando» interiormente, pondo em movimento a dinâmica prevista no sistema da *langue*.

3.4.2 — «*Langue/parole*»: Dupla face de uma realidade lingüística.

Na *PAROLE*, enquanto *PAROLE*, NÃO HA SUBSTANCIA.

Como existiria «substância lingüística», se tudo que é lingüístico é forma?

Unir os termos «substância» e «lingüística» torna-se incongruente.

Em questão de língua não existe «substância».

Como sistema virtual (*LANGUE*), tanto como uso de código (*parole*), a realidade lingüística é, e continua sendo, forma, conjunto de relações.

3.4.3 — O objeto da lingüística, em sua dupla face, «*langue/parole*». Nenhuma ciência progride enquanto não delimitar seu objeto. Afirmção óbvia.

Se Saussure deu maior ênfase a uma Lingüística da *langue*, foi atitude explicável em sua época. Faltavam dados e tempo para desenvolver as duas faces da realidade única que é o fenômeno da língua humana.

Fez muito. Porém deixou questões abertas à espera de aprofundamentos.

Hjlemslev, outro marco importante, percebendo que o conteúdo semântico não podia ser excluído, mas igualmente condicionado a seu tempo (como acontece a todos nós), tentou explicitar melhor algumas intuições de Saussure.

Também deixou questões abertas.

Muitos outros mereciam ser lembrados.

Com os esforços anteriores, nesta etapa do século XX, podemos discernir que o fenômeno língua humana, enquanto *langue* e *parole*, é sempre «forma» e não «substância».

A *parole* difere da *langue*, mas não na natureza: se uma é forma, também há de ser forma a outra. Difere enquanto qualquer ato é diferente de sua respectiva potência.

A *parole* é *langue* em funcionamento, e o sistema da *langue* só pode funcionar de acordo com sua natureza.

^{CADA} Não são dois instrumentos a serviço do raciocínio de ~~um~~ homem e da comunicação verbal, mas um só, visto sob ângulos diferentes: possibilidade de pensar, de comunicar, e ato de fazê-los.

O uso da máquina de escrever condiz com a natureza do aparelho mesmo que não esteja sendo utilizado.

Graças aos estudos dos que nos precederam, temos condições de notar que *langue/parole* são duas faces de uma realidade única, ambas as faces participando essencialmente da mesma natureza: verso-reverso do mesmo fenômeno. *Langue* — sistema virtual de relações/valores. *Parole* — funcionamento desse sistema de relações/valores.

3.4.4 — Reflexões sobre a «*parole*» de cada homem consigo mesmo.

- a) Ao nível da FORMA, conjunto de RELAÇÕES com VALORES, acha-se a natureza da língua que abrange evidentemente *langue/parole*, visto que duas faces da mesma moeda não se separam, a não ser para efeito de estudo.
- b) É preciso distinguir momentos:
- 1º) *Langue/parole* na FORMA da LINGUA, na inteligência humana, no ato do raciocínio, no pensamento.
 - 2º) *Langue/parole* *constrangidas* na substância do som (código nº 2) e da grafia (código nº 3), códigos da comunicação entre pessoas.
- c) A *parole* sem substância física distingue-se também da *langue*, enquanto esta é virtualidade e aquela, atualização, nos atos do pensamento: para pensar, já se verbaliza estabelecendo relações com valores, criando, portanto, signos lingüísticos.
- d) Já disseram que as idéias governam o mundo.
Ora, as idéias surgem mediante a *langue/parole* do sujeito pensante.
Então é fácil notar a importância política¹² da ciência da língua com base na sua natureza de forma.
Primeiro, porque homens com mais facilidade para pensar terão idéias, mais idéias, melhores idéias. Segundo, porque saberão comunicá-las aos outros com eficiência, sem atitudes bloqueadoras como são as prepotentes que procuram manipular os homens (e assim os oprimem), talvez por não terem idéia de recursos mais habilidosos.
- e) É triste engano associar a noção de *parole* à presença do som articulado pelo aparelho fonador. Fazem tal associação os que não pensaram a respeito da natureza da língua, contentando-se com ouvi-la e usá-la na comunicação social.
Triste engano pela conseqüência que acarreta: impede o conhecimento adequado do fenômeno lingüístico, gerando assim múltiplas confusões de que todos padecemos.
- f) A *langue/parole* de cada homem consigo mesmo é condição indispensável para:
— o ato do raciocínio, ou seja, da comunicação que designaremos como sendo *ad intra*, porque os outros de fora não a escutam;

12. Política, a arte e a ciência de CONVIVER para o bem de todos.

— o ato de comunicação *ad extra*, audível pelos que nos ouvem, legível pelos que nos lêem.

- g) Lamentável que nós, quase ao término do século XX, estejamos ainda perguntando, como fazem nossos alunos de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, examinando a gramática na pesquisa e no ensino:
«Mas quando e como ensinar o código nº UM do sistema da língua portuguesa, o código das relações com valores?»
Então constatamos que de verdade não temos ensinado o código que permite pensar. Nem como pais, nem como professores. A não ser mal e mal, ao acaso das intuições, à mercê de circunstâncias cujo controle nos escapa.
- h) Convém lembrar que se muitas vezes usamos a *langue/parole* fazendo REFERÊNCIA a imagens mentais, quando aludimos a fatos, seres, coisas que vemos da realidade extralingüística, em outros momentos a *langue/parole* é utilizada para o raciocínio criativo que prescinde do já conhecido e INVENTA O NOVO, a UTOPIA, a qual sendo hoje «sonho», como dizem, amanhã pode se tornar realidade e melhorar a vida humana.

3.5 — É próprio do homem estabelecer relações.

3.5.1 — Não só ele estabelece relações entre seres extralingüísticos que percebe, como também é próprio de sua inteligência fazer essa engrenagem lingüística de relações entre relações, atribuindo a cada relação o seu valor semântico.

3.5.2 — *Várias causas podem ser apontadas* (sem esgotar o assunto):

- a) O homem é inteligente.
- b) O próprio da inteligência é fazer transferências, o que supõe relações que ultrapassem os seres perceptíveis fisicamente.
- c) Para usar a inteligência no ato do raciocínio e no da comunicação, o homem precisa do signo lingüístico, e portanto da língua.
- d) A inteligência, por ser criativa, descobre o jeito de ser o que precisa.
- e) Também é ato de inteligência atribuir o valor x a y etc.
- f) Sendo o homem de natureza espiritual-corporal, necessita igualmente que as relações com valores da língua, realidade intelectual e portanto espiritual, apóiem-se em algum tipo

de matéria para entrar na ordem física em que se dá o ato da comunicação.

3.5.3 — Uma resposta mais completa cabe a psicólogos e filósofos que entendam também do fenômeno lingüístico.

3.6 — *Fronteiras entre o lingüístico e o extralingüístico.*

3.6.1 — É lingüístico todo conjunto de R/V do sistema «língua», e o que este veicula ao funcionar em atos de fala interior.

3.6.2 — O ponto de partida extrínseco que motiva o funcionamento do sistema lingüístico é algum dado de ordem extralingüística.

3.6.3 — Às vezes a fronteira é clara, mas em muitos casos a possibilidade de dúvidas tem sido frequente. Por exemplo, com polissemia, metáfora, implicação, pressuposição, insinuação, trocadilho, etc., as interferências do extralingüístico no lingüístico ocorrem facilmente.

3.6.3.1 — As causas dessas confusões parece não serem de ordem lingüística; por exemplo — o grau de inteligência insuficiente para perceber relações com valores de outros homens mais dotados, o insuficiente desenvolvimento cultural etc.

3.6.4 — Pode-se estabelecer algum critério para discernir as fronteiras:

Crêrios para distinguir o lingüístico:

- 1º) Observar os conjuntos de relações com valores em texto escrito, ou em seqüência oral.
- 2º) Texto situado em contexto lingüístico.
- 3º) Ater-se ao significado, isto é, à forma do conteúdo lingüístico. Ultrapassando-a, entra-se no extralingüístico, a realidade das coisas fora da língua.
- 4º) Tomar consciência das fáceis interferências ajuda a evitá-las.
- 5º) Quando o texto faz alusões, insinua, deixa pressupor, apresenta como implícito, analisar assim, tal como se manifesta no plano da língua.

6º) Nos casos de ambigüidade, se o enunciado transmitir dois (ou mais) significados lingüísticos, não há por que fugir, e querer, em nome de um falso rigor científico, reduzi-los a um só. Aponta-se objetivamente a ambigüidade se ela de fato acontecer.

7º) No caso de figuras, como a metáfora, que em língua é um jogo de relações com valores mais complexos, analisar a analogia que possibilita a figura e a forma do conteúdo lingüístico que essa analogia acarreta. O que exige que as aparências sejam rompidas. Ater-se ao pé da letra não tem nenhuma razão de ser.

3.6.5 — Pode-se perguntar: As relações limitam-se ao nível interno da própria língua? Não haverá na língua nada de extralingüístico?

Os diferentes conjuntos lingüísticos da R/V (relações com valores) realizam-se na *parole* interior, e se for o caso, na exterior, para fazerem *referência a* elementos que o sujeito-pensante escolhe dentre os esquemas da lógica natural do homem, que a língua manifesta.

Explicações de alguns termos do parágrafo acima:

- a) Fazer «referência a...» constitui uma outra espécie de relação, desta vez *entre o lingüístico*, que de acordo com a pergunta acima é o nível interno da própria língua, e *algo extralingüístico*. O estudo desses relacionamentos ultrapassa o campo da língua; compete à Psicologia e à Filosofia.
- b) Quanto ao «sujeito-pensante» convém lembrar que ele não se separa do falante e do ouvinte: quem pensa, raciocina e usa a língua consigo mesmo. Fala consigo. Fala e ouve a si mesmo. Só assim poderá emitir a outros sujeitos-pensantes e deles receber mensagens lingüísticas.
- c) Os esquemas da lógica natural serão tratados mais adiante no 4.7.6.

3.7 — *Cada nível destacável do sistema da língua é forma e não substância.*

3.7.1 — Fonema, morfema, sintagma, oração, cada qual é um tipo de conjunto de relações com valores. São diferentes subconjuntos do grande conjunto. *GLOBAIS, TEXTUAIS*.

3.7.2 — Estamos talvez acostumados a considerar cada uma dessas unidades quase como sendo uma coisa, um ser com individualidade própria, que o tornaria indiviso em si mesmo. Possuiria então uma substância que «substaria» na base do ser, e não consistiria em relações flexíveis, movediças, instáveis, mutáveis.

3.7.3 — A reflexão humana perante a língua precisou fazer o caminho de fora para dentro. E na parte de fora logo se defrontou — como ainda se defronta — com a substância do som articulado e da grafia. Muito natural o engano assim como a deformação que decorre dele.

3.7.4 — É difícil nos compenetrarmos dessa maneira de entender. Tanto mais difícil, quanto mais a escola tiver cristalizado o ensino, e o jovem aprender fonema num curso, morfema em outro, sintagma em outros momentos, em geral bastante dicotomizados.

3.7.5 — Quantos memorizam mais do que compreendem. Recebem-nos, pois, como se fossem coisas com existência na ordem extralingüística.

3.8 — O valor sema.

3.8.1 — *Em que consiste o sema?*

«Sema», palavra de origem grega, exprime em português «sinal dotado de sentido» (hoje dizemos: de significado).

Ainda são incipientes as investigações a seu respeito, mas já permitem deduzir o seguinte:

São semas as unidades destacáveis do conteúdo lingüístico geral de uma palavra e de um morfema.

3.8.2 — *Palavra é um pequeno contexto de semas.*

Por exemplo, a palavra *relógio*. Seu conteúdo lingüístico abrange vários semas:

- s 1 (que coisa é) um instrumento
- s 2 (para que serve) para medir horas
- s 3.1 (como é) dotado de engrenagem com ponteiros e números
- s 3.1.1 (qual o formato) redondo
- s 3.1.2 (de que matéria) de prata
- s ... etc.

3.8.3 — Alguns semas serão encontrados em qualquer relógio, mesmo no chamado relógio do sol: s 1 (instrumento), s 2 (para medir horas) e s 3.1 (dotado de ponteiros e números).

São esses que constituem a noção geral da coisa. Os demais são semas diferenciadores de alguns relógios.

3.8.4 — Os semas do conteúdo geral, justamente por serem mais amplos, são mais abrangentes. Alguns lingüistas consideram que o SEMEMA é formado por eles. Obs.: diante do objetivo destes estudos, não cabe discutir agora a questão do «semema». Constituiria uma digressão e a semântica do léxico, em nível científico, aguarda novas pesquisas.

3.8.5 — Assim, a consideração seguinte vai apenas como *contribuição ao questionamento*:

Ex. de semas e morfemas:

- inho menino - inho s 1 caracterizador
s 2 ... pelo tamanho pequeno
s 3 ... etc.
- izar suavizar s 1 mudar
s 2 mudar algo para outro algo
s ...
- ex - ex - aluno s 1 situador
s 2 pessoa que já não está numa determinada situação
s ...
- s rosas s 1 significa número
s 2 significa número plural
- o Paulo s 1 significa gênero
s 2 significa gênero masculino

3.8.6 — No Brasil e em Portugal parece ter havido menos pesquisas *sincrônicas* a respeito dos valores semânticos na faixa do morfema e da palavra.

As que provavelmente estarão se delineando, ainda não foram suficientemente divulgadas.

A questão da polissemia não impede o levantamento de semas.

Exemplo:

— Manga 1

- s.1 (que coisa é) fruta
- s.2 (para que serve) para alimento
- s.3 (como é) dotada de casca, caroço e fibra
- s.4 etc.

— Manga 2

- s.1 (que coisa é) parte do vestuário
- s.2 (para que serve) cobrir o braço
- s.3 (como é) dotada de cava
- s.4 etc.

3.9 — *O valor semântico ao nível da sintaxe.*

3.9.1 — Há diversos tipos de *valores semânticos*. O menor em extensão parece ser o SEMA, atualmente considerado como «unidade mínima do conteúdo lingüístico» ao nível do léxico, isto é, da palavra.

Amanhã futuros estudos talvez consigam analisar partes constitutivas do próprio sema. Temos notado que um só sema, para ser explicado, requer mais de um «valor semântico».

3.9.2 — «Maior» que o sema são os valores que se encontram no intrincado das relações ao nível sintático.

No estado atual das pesquisas, são perto de trezentos, em língua portuguesa.

3.9.3 — O jogo das relações virtuais — relações com valores — previsto pelo sistema, permanece sempre aberto. E a próxima geração, as próximas, todas, com espírito criativo, alterarão estes, abandonando aqueles, e inventando novos.

3.9.4 — Estudo simultâneo do conteúdo lingüístico e de sua expressão?

Investigação científica exige método.

A gramática tradicional mistura as duas faces do signo lingüístico; das formas da expressão passa às do conteúdo

e vice-versa como se não fosse possível um método mais rigoroso.

3.9.5 — Houve lingüistas que deliberaram excluir a dimensão do conteúdo, passando a cuidar com empenho das formas de expressão lingüística. Certamente ganharam em discernimento, mas fecharam-se à zona semântica que também é integrante do próprio sistema língua.

Permanecem obstáculos e o acesso à verdadeira natureza da língua continua difícil.

3.9.6 — Urge examinar a faixa do conteúdo lingüístico, focalizando-a direta e exclusivamente, sem rotulá-la a determinados recursos da faixa da expressão, e isso para melhor compreendê-los. Sem se fechar como sem se constranger.

Nestes anos, 77... 78... 80..., a ciência da semântica ainda tem que recuperar imenso atraso.

3.9.7 — Prevê-se a etapa em que, habilitados nas análises de ambas as faces do signo lingüístico, em qualquer nível que seja, possam os estudiosos pesquisar a respeito de ambos concomitantemente.

3.9.8 — Alguém pergunta se «semântica da sintaxe» envolveria estudo simultâneo de ambas, semântica e sintaxe. Em princípio deveria envolver, pois falta mesmo explorar tanto quanto cada uma das duas faces do signo lingüístico (conteúdo/expressão). Tanto quanto não quer dizer tudo ao mesmo tempo.

3.9.9 — *Na prática* por enquanto convém separar, numa posição provisória, a ver se se recupera algo do enorme atraso que foi imposto à semântica, a fim de criar melhores condições para que ambas recebam tratamento conjunto e adequado.

Posição provisória: fala-se em semântica da sintaxe por se aplicar ao intrincado dos relacionamentos mais completos. Consiste em estudo do conteúdo lingüístico, objeto da semântica.

Ao nível das relações maiores, tal investigação tem sido muito descuidada e não é fácil.

3.9.9.1 — Não lhe cabe, por enquanto, caminhar com estudo de funções e aspectos morfo-sintáticos. Para deslindar

as constantes da organização semântica da língua, querer trabalhar juntamente com os diversos níveis, «distrairia» dos valores semânticos, levando a digressões com desperdício de tempo e de energias.

3.9.9.2 — Libertar o espírito da «preocupação» com as aparências da expressão lingüística tornou-se um requisito para desenvolver a análise semântica do significado de relações maiores.

Motivos:

- a) A enorme falta de base em análise de valores semânticos.
- b) A falsa noção de que, por serem manuseados intuitivamente, já seriam conhecidos de maneira satisfatória.
- c) O perigo de bloqueio: se nos ocuparmos ao mesmo tempo com a expressão exterior, corremos o risco de ficar mais nela, por ser mais aparente. O conteúdo lingüístico passaria a segundo plano e não poderia ser apreendido com a devida clareza. Então pensam saber quando na realidade não sabem.
- d) Para o emissor o *conteúdo lingüístico* é que comanda a expressão e não vice-versa.
Para o receptor, também é o *conteúdo lingüístico* que orienta a decodificação.
- e) Urge recuperar o atraso em que se encontra o ensino de semântica. Ela trará a chave de numerosas dificuldades atuais, que fazem tratar a língua como se fosse esfinge... Para isso, insistir nos valores semânticos é tarefa primordial, por enquanto.
- f) Importaria muito que todos os estudantes conhecessem bem e soubessem analisar pelo menos duzentos valores semânticos mais constantes em qualquer contexto lingüístico.
- g) Bom vai ser quando o aprendizado da semântica e sintaxe puderem realizar-se simultaneamente.
À medida que os estudos se fundamentarem na ciência da língua esse ideal se concretizará.

UMA PROPOSTA E METODOLOGIA

4.1 — Uma gramática que procure descrever o sistema lingüístico e explicar seu funcionamento, tem necessariamente de focalizar também a «forma do conteúdo» — que é o objeto da semântica.

4.2 — O capítulo da semântica em gramática, quando aparece explícito, vem depois da sintaxe, mas agora ~~isso~~^{nos} é possível compreender que há mais de cem anos o pensamento de alemães, como Reising, tinha razão de ser: à semântica caberia prioridade.

4.3 — Com o desenvolvimento de estudos e pesquisas, o lugar da semântica está ficando ^{mais} claro e tende a se ampliar progressivamente. Já se percebe que a forma do conteúdo orienta e ordena a da expressão.

Universitários atuais, ao vislumbrarem estas perspectivas, indagam freqüentemente por que não ensinam semântica desde o início da faculdade... ou mais cedo, no 2º grau... e mesmo no 1º.

4.4 — *Proposta: Noções de semântica sincrônica devem constar em gramática do Português.*

Tal proposta também está condicionada à época e lugar em que vivemos. Alude à introdução da semântica da sintaxe cujo método de análise conseguiu atingir um grau de operacionalidade aproveitável.

4.5 — Reconhecemos ser necessária também a semântica que concentrasse análises ao nível do *léxico*.

E não a incluímos na proposta?

Os notáveis trabalhos de companheiros nossos, em São Paulo e Rio, dos quais citaremos pelo menos a equipe de

Cidmar T. Paes, Ignácio Assis Silva, Mônica Rector; os da França pelos estudos de Bernard Pottier, Oswald Ducrot, e outros; os da Alemanha com Kurt Baldinger, Eugênio Coseriu e seus colegas; os da Inglaterra com Stephen Ulmann, Lyons... os da Argentina com Luis Prieto; os da Bélgica que nos chegam em obras de Eric Buyssens etc. são todos de relevo.

A posição informativa e de comentador, adotada por Georges Mounin, ajuda a reflexão.

Sem dúvida é grande o surto de novos interesses em torno dos problemas semânticos.

Parece-nos *promissor* o método de análise de sema: seguiriam as indagações básicas que fazemos implicitamente diante do significado de qualquer palavra: 1. O que é...? 2. Para que serve...? 3. Como é...? etc.

Por limitações nossas, não temos tido tempo nem meios para comprovar se assim ocorre de fato e discernir as linhas mestras de síntese que provavelmente já unificam as diferentes pesquisas em andamento.

Mas ainda não dá para concluir de maneira global e satisfatoriamente convincente.

A priori pareceria mais simples ir do «menor para o maior», ou seja, do fonema e sema para o morfema; deste para a palavra; daí para o sintagma e só em seguida para as construções sintáticas.

4.6 — O que ocorre, porém, na vida, é que pomos em funcionamento o todo no seu conjunto global.

O pesquisador, observando tais conjuntos, é levado à procura das unidades menores, mas isto vem depois.

4.7 — Método de análise semântica da sintaxe.

Para observar o funcionamento das formas do conteúdo no nível sintático, há *critérios*:

4.7.1 — O posto de observações será o «ouvinte», isto é, o receptor dos significados, pois ele faz a decodificação.

Não se deduz que o ouvinte seja uma pessoa e o falante necessariamente outra. Cada ouvinte também é falante e vice-versa.

Colocar-nos na posição de quem vai decodificar impõe-se porque, ao analisar, estamos nessa atitude. Respeitá-la é o mais indicado para não complicar inutilmente.

4.7.2 — Porque a natureza da língua consiste em **RELAÇÕES**. Quem analisa respeitará o *contexto* que elas estabelecem.

4.7.3 — Como as relações têm «valores», são significantes, a *unidade a considerar* é o *valor* lingüístico que vem a ser o significado das relações.

4.7.4 — Não estabelecer a priori uma «ordem» a seguir. Seria supérfluo. *Analisar os valores assim como funcionam* corresponde ao que fazemos de maneira espontânea na vida habitual.

Obs.: Pode ser mais difícil para quem principia, e então uma seqüência prévia torna-se adequada, seqüência que seleccione valores por preocupação didática.

4.7.5 — *A análise semântica não separa unidades com base na forma exterior da expressão e sim na do conteúdo lingüístico*: observa valores de relações e quando estes não funcionam separados, *não serão separáveis*.

Não se trata de decomposição na ordem dos elementos aparentes, mas na dos valores que só apreendemos pela inteligência.

4.7.6 — *A língua respeita a lógica natural do homem — Lógica natural da língua* — Lógica é a arte e a ciência da coerência. Interessam-se por ela de maneira consciente e explícita os homens de pensamento. Por exemplo, na área da filosofia e da matemática, diversas escolas de lógica se constituíram.²³

Durante muito tempo procuraram explicar os fatos lingüísticos por meio da lógica filosófica. Recentemente fazem aplicações da lógica matemática.

As pesquisas em semântica lingüística mostraram logo que a língua tem sua própria lógica natural, ~~a coerência do falante-ouvinte que a língua revela~~.

Essa lógica natural precisa ser mais considerada.

* POIS AO NÍVEL DOS SIGNIFICADOS/SIGNIFICANTES ENCONTRA-SE A LÓGICA NATURAL, A COERÊNCIA DO FALANTE - OU - VINTE QUE A LÍNGUA REVELA.

²³ A título de referência: foi editada pela PUC/RJ a obra de Antônio Genovesi: *A Instituição da Lógica*, Rio, Conselho Federal de Cultura, Editora Documentário, 1977.

ESQUEMAS DO FENÔMENO LINGUISTICO
DE ACORDO COM A LÓGICA NATURAL

Esquemas	dos quais resulta o significado de:
1º — Pensa-se em <i>alguém</i> * ..	— sujeito (ser animado, capaz de deliberação)
2º — (em alguém) <i>que faz</i> ..	— processo verbal
3º — (que faz) <i>algo</i>	— objeto (ser inanimado)
1ºb — Ou pensa-se em <i>algo</i> ...	— objeto
2ºb — com o qual acontece ...	— processo verbal sem sujeito deliberador
4º — caracteriza-se o ser no qual se pensa	— caracterização
5º — circunstancia-se	— circunstâncias
6º — manifesta-se a posição do sujeito pensante-emissor	— atitude de sujeito-pensante-emissor (modalidades com que ele se exprime)

Daí as divisões em seis setores na apresentação dos valores semânticos mais freqüentes: sujeito/verbo/objeto/caracterização/circunstância/atitude do falante.

4.7.7 — A língua tem sua própria lógica: a natural do ser humano que em estudos semânticos impõe-se respeitar.

É lícito supor que a lógica natural preside à organização proporcionalmente simples, que alicerça o sistema lingüístico.

Assim toda a esfera da língua acha-se circunscrita aos seis esquemas acima indicados, dos quais resultam os setores de significados básicos:

- 1) Sujeito (ser animado, capaz de deliberar).
- 2) Objeto-coisa (ser inanimado).
- 3) Verbos (processo).
- 4) Caracterização.

14. Onde está "pensa-se" entenda-se também "fala-se".

5) Circunstância.

6) Modalidade da atitude do «sujeito-pensante-emissor».

Caso não termine a conversa (consigo ou com outros) retoma-se algum ou alguns desses setores, e parece que não conhecemos outro recurso para verbalizar.

4.7.8 — Atualmente é condição indispensável *libertar o espírito da mentalidade lógico-gramatical* em que nossa geração está mergulhada. Porque ela criou uma estrutura artificial: a escola começa por alfabetizar como se o abecedário, conjunto de letras, fosse o passo inicial. Não cuida da natureza da língua, sistema de relações/valores. Ou talvez julgue estar cuidando pela importância «cultural» que a escrita adquiriu na civilização contemporânea, e parece perder talvez por justa causa, com o avanço dos recursos audiovisuais.

4.7.9 — *Não há necessidade de nomenclatura rígida.* Pelo contrário, esta prejudicaria a análise. O jogo de relações/valores goza de múltiplas possibilidades e não pode ser constangido por rótulos. A análise procede por *explicações* dos valores que se encontram na engrenagem dos relacionamentos.

4.7.9.1 — Permanecem como indispensáveis as qualidades de adequação, clareza, fluência e o abandono do prolixo, que é supérfluo.

4.7.10 — *Tomar cautelas.*

a) *Não extrapolar* do conteúdo lingüístico para o não-lingüístico. A análise focaliza o significado de relações ao nível da língua. A substância, seja da imagem mental que reflete a realidade extralingüística, ou do som, podem servir de apoio indireto nas análises, se necessário à captação mais adequada do jogo *lingüístico*.

Apoio indireto, se necessário. Mas perigoso, caso prejudique o discernimento: análise da forma não será análise da substância.

b) Existe o risco de *análises individualistas e subjetivas*. Como fazer? Caso os signos lingüísticos carreguem significados ambíguos ou matizados de emoção, fatos que acontecem, serão analisados tais como se apresentam.

- IMPORTA que a análise fique OBJETIVA diante de conteúdos lingüísticos, em parte talvez subjetivos. Geralmente permitem mais de uma explicação.
- Não há por que temer a ambigüidade nem as alusões implícitas. Serão analisadas com objetividade assim como se apresentam.
- A riqueza das relações/valores deve ser objeto de conhecimento científico.
- Interferindo carga subjetiva e significados dúbios, o critério é respeitá-los, explicando as diferentes possibilidades.
- Há contudo um LIMITE importante: é preciso que a análise de casos subjetivos encontre o CONSENSO de outros indivíduos. Se ficar reduzida ao parecer de um só ou de poucos, torna-se suspeita e não terá validade científica.
- c) Evitar inovações terminológicas enquanto possível para não complicar. Pelo mesmo motivo, fugir do hermetismo de linguagens especializadas que certas ciências, não-semânticas, terão suas razões de julgar necessárias.
- Usando termos habituais, no valor semântico que, ^{TEORICA/E} tem teoria, devem ter, e aplicando-os assim ao nível do funcionamento, consegue-se a devida adequação. E por serem conhecidos, ganha-se em clareza e simplicidade.
- O «fechamento», acarretado por nomenclatura técnica, retarda o avanço da ciência que fica privilégio de poucos iniciados.
- Verdade que falar simplesmente e com clareza parece ser difícil para muitos. A escola não tem ensinado a falar.

4.8 — Observação: o que falta no rigor de método?

4.8.1 — O fato de observar o «conteúdo lingüístico» o mais diretamente possível, sem se ater à forma da expressão, a outra face do signo, é uma etapa provisória.

Motivos dessa posição:

Foi, e ainda é, necessária. Amanhã, com o progresso dos estudos semânticos, poderá deixar de ser o caminho.

A análise, e antes dela a expressão dos valores semânticos, só se tornou realizável, após a decisão, consciente, firme e difícil, de acatar as orientações recebidas em Lisboa: «... libertemos o espírito das estruturas «formais» que a escola nos impôs a respeito de língua...» (entendendo por *formal* o

predomínio da sintaxe em textos escritos em detrimento da semântica).

Analisando muito a partir do ouvinte, confrontando numerosas análises, orientando universitários em pesquisas desse gênero, escutando (como é preciso escutar), observando quase sem cessar, então, *pouco a pouco*, a organização do nível semântico da língua tem se tornado mais clara.

Experimentou-se, durante longos anos, analisar o conteúdo a partir da expressão, mas não se encontraram soluções. As tentativas giravam continuamente em torno das múltiplas confusões de nossa gramática. Iam e voltavam, iam e voltavam, sempre com impasses.

Impunha-se encontrar outro rumo.

Pareceu que o método seguido na linguagem oral por emissor-receptor devia merecer a atenção dos estudiosos. A ciência não pode se distanciar da vida.

E os homens manipulam primeiro o conteúdo lingüístico: sem ter O QUE dizer, não recorrem à expressão, não dizem nada. Sem entender o conteúdo que o falante emite, a expressão permanece simples ruído.

Iniciando pesquisa, o investigador tem alguma hipótese. Esta leva à busca de comprovação que, ou invalide, ou fundamente seu ponto de partida.

A nossa resultou de conferências a respeito de «gramática funcional» e «gramática formal» na Universidade de Lisboa, proferidas pelo prof. Jacinto do Prado Coelho, que, em 1958, ~~à mão de diversos exemplos, revelava «valores subjacentes» que não condiziam com uma análise gramatical conforme a época.~~ ^{ILUSTROU COM DIVERSOS EXEMPLOS MOSTRANDO «VALORES SUBJACENTES» QUE NÃO CONDIZIAM COM UMA ANÁLISE GRAMATICAL CON-}

^{SUBJACENTE»} E veio a indagação que serviu de hipótese: *FORME A ÉPOCA.*

«Se em exemplos avulsos, encontram-se valores subjacentes, não seriam estes uma constante na linguagem?»¹⁵

Para captar o «subjacente», foi preciso observar «além» da expressão que é exterior.

Daí a posição de rompimento: «... esquecer o que a escola havia ensinado para libertar o espírito das estruturas «formais», artificiais, e poder então perceber a organização dos «valores».

15. «Pesquisa no funcionamento da Língua Portuguesa», tese de cátedra universitária, São Paulo 1961. PUC/SP, p. 52. (Atualmente há uma edição em microficha no Centro Nacional de Teses, São Paulo 1977.) E NO P. 5

Estamos agora cientes de que a trama dos valores semânticos é contínua, constante, tanto quanto a da engrenagem sintática.

E hoje entendemos melhor a *causa* disso:

Língua é forma e não substância: o signo, unidade básica, é dotado de dupla face: a do conteúdo lingüístico e a da expressão lingüística. Faces que não subsistem separadas (como o sangue nas veias humanas e as veias, por exemplo). Cada aspecto, organizado à sua maneira, contribui para a unidade do todo.

Desenvolver pesquisas para desenvolver melhor todo o SISTEMA DA LINGUA, partindo da expressão lingüística, justifica-se historicamente pelos condicionamentos de cada época. Mas obriga a inventar previamente «regras do jogo» em nome de «rigor de método», umas tantas «arquiteturas lógicas», que poderiam decifrar o enigma da esfinge milenar.

Muitíssimo engenhoso, sem dúvida admirável. Mas constrangedor. Partir primeiro dos valores semânticos, isto é, do conteúdo lingüístico, tem mostrado maior afinidade com o fenómeno «língua».

4.8.2 — Falta estabelecer de maneira *mais* completa a TEORIA DA ESTRUTURA SEMÂNTICA DA LINGUA.

É a etapa em que nos encontramos há uns sete anos e que permitiu a argumentação deste trabalho.

ORGANIZAÇÃO DOS VALORES SEMÂNTICOS DE ACORDO COM A LÓGICA NATURAL

ELENCO DE VALORES SEMÂNTICOS (Levantamento e pesquisa)

5.1 — *Setor: SUJEITO* (significado lingüístico do ser animado, deliberador).

1. Agente *Carlos* guia automóvel
2. Ausência de agente Ninguém dava sinal
3. Agente-remetente *O pai* enviou frutas ao filho
4. Agente-transmissor *A professora* ensina os alunos
5. Agente-paciente *Lúcia* machucou-se
6. Paciente *O menino* ficou ferido
O soldado feriu o *preso*
7. Sujeito do conhecimento:
conhecedor *Renata* sabe toda a história
8. Sujeito da volição *Rute* quer progredir
9. Sujeito da sensação *Carlinhos* sentia dor
10. Possuidor *Sérgio* tem muitos livros

Obs.: Visto que sujeito, em semântica, é ser animado e deliberador, pode ocorrer sentença com dois ou mais sujeitos. Ver o exemplo nº 3 em que «O pai» é sujeito remetente, e «O filho» é sujeito receptor. É também possível haver frases só com seres inanimados, objetos.
Exemplo: A chuva molha a roupa no varal.
No caso de *sujeito paciente*, isto é, que sofre, o ser animado acha-se em situação de não deliberar. É ser animado, mas não constitui *agente*.

11. Possuído O sitiante tem um só *cavalo*
manso

12. Causador de algo a) *Antônio* provocou uma discussão
 b) *Antônio* parece feliz (causa a impressão de ser feliz)
13. Situado O *menino* está perto da casa
14. Existente Há uma *criança* no jardim
15. Caracterizado *Marcelo* é inteligente
16. Destinatário Mandou a carta ao *marido*
17. Receptor Deu um envelope ao *professor*
18. Doador *José* deu ao vizinho duas mudas de palmeira
19. Agressor Enciumado, *Ronaldo* bateu muito no colega
20. Agredido e paciente O *colega* apanhou de *Ronaldo* e sofreu muito
21. Sujeito beneficiado A mãe amamenta o *filhinho*
 Etc.

5.2 — Setor: PROCESSO VERBAL.

Diferentes tipos de verbos de ação:

22. Ação que se exterioriza .. *Anchieta* escreveu na areia
23. Ação psicológica *Maria* guardava segredo
24. Ação intelectual,
 cognoscitiva *João* aprendia matemática
25. Volição, ação da vontade . *Mário* quer essa casa
26. Decisão *Resolveram* a data do casamento
27. Apelação, denominação .. *Chamamos* você de «caboclinho»
28. Apreciação, avaliação,
 estimativa (Fulano declara:) Um amigo *vale* cem tesouros

Obs.: Fulano avalia o que significa um amigo.

Etc.

Tipos de verbos de acontecimento:

29. Acontecimento *Fernando* caiu
30. Acontecimento psicológico. *Caindo* em si, desculpou-se
31. Sentimento O menino sentia uma tristeza...
32. Sensação Teve uma dor aguda nos nervos da vista

33. Impressão Sem fundamento, achavas que o rapaz era covarde
34. Percepção (pela vista) .. Vimos ao longe um navio
35. Percepção (pela audição) . Daqui ouve-se o alto-falante
36. Necessidade Contra sua vontade, precisou viajar às pressas
37. Obrigatoriedade Foi forçado a voltar para a cadeia
 Etc.

Verbo de estado e/ou de situação:

38. Estado Essas crianças estão maltrapilhas
39. Situação A escola fica no município de Brotas
40. Posse *Pedrinho* tem um guarda-chuva
41. Existência Há pobres no jardim público
42. Estado psicológico Você tem razão
43. Possibilidade Podemos vencer na vida
 Etc.

Verbo de ligação ou de conexão:

44. Conexão entre o caracterizador e o caracterizado .. A bola é vermelha
45. Idem, mas por atribuição . A seu ver, *Celso* é barulhento demais
46. Idem, pela apresentação de um caracterizador inerente ao ser O espírito na natureza humana é imortal
 Etc.

5.3 — Setor: OBJETO (COISA) expressão lingüística de ser inanimado.

47. Objeto da ação Comprou a *bicicleta*
48. Objeto em que a ação é exercida *Carlos* guia *automóvel*
49. Objeto pelo qual a ação se exerce A vítima suplicou *por um gole* d'água
50. Lugar da ação Percorreu *toda a praia*

51. Objeto de sentimento O viúvo sente a *ausência da esposa*
52. Objeto de percepção (visual) Rafael viu *o rochedo*
53. Objeto da volição Meu irmão quer *essa casa*
54. Objeto possuído Teresa tem *um livro*
55. Objeto desejado Desejo *a paz (obs)*
56. Objeto de acontecimento . Achou *um canivete* na estrada
57. Objeto em que acontece .. A chuva molhou *a roupa* no varal
58. Objeto com o qual acontece *A janela* bateu com a ventania
59. Objeto causador *A ventania* quebrou a vidraça
60. Objeto atingido pelo acontecimento *A ventania* quebrou *a vidraça*
61. Fato que aconteceu *Caiu uma tempestade!*
62. Fato ao qual se atribui algo *Tal negócio* exige esclarecimentos
63. Objeto resultante da ação . O engenheiro construiu *a ponte*
Etc.

Obs.: É de grau a diferença entre desejo e volição. Volição supõe querer, ato da vontade que é mais forte do que simples desejo. (A mãe deseja dormir, mas *quer* velar o filho que está doente e afastar o sono. ¶A vontade supera o desejo.)

5.4 — Setor: CARACTERIZAÇÃO.

A. Por algum traço do ser:

64. Caracterização por qualidade Menino *bom*
65. ... por defeito Menino *mentiroso*
66. ... talvez por defeito, conforme o contexto Homem *escrupuloso*
67. ... pela matéria de que é feito Soldadinho *de chumbo*
68. ... pela cor Canário *amarelo*
69. ... pela forma Espelho *redondo*
70. ... pelo tamanho O armário *grande*
71. ... pela temperatura ... Rui levantou *febril*

72. ... por um traço fisionômico José tem *olhos castanhos*
73. ... pelo peso O nenê está *gordinho*
74. ... pela intensidade Furacão *violento*
Etc.

B. Por especificação, isto é, pela indicação da espécie:

75. Sons *de piano* / rastro *de onça* / produto *vegetal*, etc.

C. Por algo que faz parte da natureza do ser:

76. Os homens têm pés e mãos
Os cavalos têm quatro patas

D. Circunstâncias que podem ser apresentadas como traço característico do ser:

77. Localização Terra *distante*
78. Lugar de origem Vinho *de Caxias do Sul*
79. Idade Rapaz *de 30 anos*
80. Possuidor Loja do *Zé Maria*
Etc.

E. Caracterização através de verbos:

81. Por uma ação apresentada como traço característico . Homem *que come carne de galinha*
82. Por um acontecimento ... Vem da cozinha um barulho de pratos *que se chocam*
83. Por um sentimento Criança *que tem medo*
84. Pelo modo do sujeito agir (caracterizador modal) .. Célia desceu a escada *ruidosamente*
Paulinho escreveu *depressa*
Etc.

F. Outros recursos para caracterizar:

85. Por interjeição Essa notícia... *credo!*
86. Pela entoação Que menino!
87. Pelo grau, em tom pejorativo (ou qualitativo conforme o contexto) A mocetona...

88. Pelo conteúdo semântico da palavra que já reúne em si um caracterizador e seu caracterizado Gigante (homem muito grande)
Profeta (pessoa que anuncia o futuro, modificando o presente)
Motorista (aquele que guia carro)

Etc.

5.5 — Expressão lingüística de *circunstâncias* e seus valores semânticos.

a) *Setor: QUANTIDADE*

89. Numeral exato Vinte casas
90. Quantidade indefinida ... Alguns trabalhos
91. Pluralidade Os homens subiam a rua
92. Singularidade Uma funcionária chegou
93. Parcialidade Ficou ^{em pouco} mais bravo
94. Totalidade Todos são chamados a colaborar
95. Medida exata Três litros de leite
96. Medida aproximada Uns cinco metros
97. Tamanho (altura) Dez metros de altura
(largura) Oito de largura
98. Aumentativo (em grau) .. Bonitão mesmo
99. Diminutivo (em grau) ... Era assim, bonzinho...
100. Aumento (em número) .. Pediram mais alimentos
101. Diminuição (em número) . Compraram menos laranjas
102. Cessaçãõ Não colheram mais cana-de-açúcar
103. Intensificação Mão boníssima
104. Individuação imprecisa ... Uma luz clareou
105. Individuação um tanto precisa A luz foi acesa pelo porteiro
106. Algo a mais Além da fruta, chegou sorvete
107. Delimitação do mínimo .. Leve, pelo menos, um lápis como recordação
108. Delimitação do máximo .. Proibido ultrapassar 80 quilômetros

109. Abundância (ou fartura) . A colheita foi abundante e sobrou
110. Carência Não houve trigo aquele ano
111. Escassez O feijão não dá para a maioria da população

Etc.

b) *Setor: LUGAR*

112. Lugar onde Está em Sorocaba
113. Lugar de onde Chegou de Aparecida do Norte
114. Lugar por onde Foi pela estrada velha
115. Lugar dentro A água do tanque
116. Lugar para onde Vai para Belém do Pará
117. Direção a alguém Irei para meu pai
118. Direção a algo E se lhe lançou ao pescoço (do pai)
119. Proximidade Fica perto da Matriz
120. Contigüidade O terraço dá na sala
121. Limite Chegou até à Zona da Mata
122. Distância A farmácia fica a 200 km
123. Percurso ou trajeto O trem de Curitiba a Florianópolis partiu agora
124. Exigüidade de espaço ... Todos não cabiam naquela pequena barraca
125. Ordenação (que dá lugar numa série) Rita foi a terceira do concurso
126. Trecho entre dois pontos geográficos (sem ser percurso) Chove do litoral aos limites de Mato Grosso

Etc.

c) *Setor: TEMPO*

127. Tempo atual, presente ... Agora leio a carta
128. Tempo próximo Hoje farei compras
129. Passado Choveu, sim, anteontem
130. Futuro Daqui a dois anos iremos a Brasília
131. Tempo remoto Há muitos séculos viveu Homero
132. Transcurso no tempo, ou extensão temporal, ou período Costurou das 2 às 6 horas sem parar
133. Época indeterminada Um dia partiram os dois...

134. Tempo cronológico exato . As aulas começarão dia 2 de março
135. Tempo cronológico indefinido Algum dia conheceremos os Andes

Tempo relativo a fatos:

136. a) Anterior/posterior Quando mamãe estiver pronta para sair, avise a vovó
anterior: mamãe se aprontar
posterior: o aviso à vovó
137. b) Simultaneidade Os passarinhos cantam enquanto o sol vai nascendo
simultâneos: — o canto dos pássaros; — o nascer do sol
138. c) Quase simultâneo O ciclista atravessava a rua distraído, o ônibus freou violentamente... por um triz o desastre seria fatal (quase simultâneos, no mesmo ponto da rua, a passagem do ciclista e do ônibus).

Obs.: Este valor vem a ser um anterior/posterior muito próximos.

139. Exigüidade de tempo Teve de produzir muitíssimo em um prazo curto demais
140. Intervalo Entre as duas tarefas, haverá uma hora para descanso
- Etc.

d) *Setor: DURAÇÃO DO PROCESSO VERBAL*

141. Iminente O vaso *vai cair*... cuidado
142. Incoativo, inceptivo Novo dia desponta
143. Durativo ou cursivo Descansava tranqüilamente
144. Permansivo (durativo longo) Alice está magra assim há anos
145. Pontual, momentâneo ou instantâneo A pólvora explodiu
146. Progressivo As frutas estão amadurecendo

147. Iterativo, freqüentativo, ou repetitivo (com intervalos bem curtos) O macaco pula, que pula, que pula...
148. Recomeçativo Canta, torna a cantar, retoma a cantilena
149. Cessativo ou finalizante (processo em fase de acabamento) Senhores, o leilão termina
150. Concluso Assim encerrou-se mais um ano escolar
- Etc.

e) *Setor: CIRCUNSTÂNCIAS QUE SUPÕEM BINÔMIOS*

151. Causa e conseqüência ... O filho chora porque a mãe está muito doente
causa: a doença da mãe
conseqüência: o choro do filho
152. Condição-condicionado .. Se eu correr, pegarei o trem
condição: eu correr
condicionado: alcançar o trem
153. Meio-fim Matriculou-se para aprender datilografia
meio: a matrícula
fim: aprender datilografia

Obs.: Meio só como instrumento de ação não constitui binômio

- Remexia a terra *com enxada*
154. Meio como intermediário entre x... e y... Joana comprou postais da Alemanha por meio de um amigo seu que lá estuda
intermediário: o amigo entre x...: Joana
y...: a compra
155. Meio, instrumento da ação, com *matfiz* de causa e fim O Sr. Manuel comprou a cartilha, pois queria aprender a ler

156. *Comparações:*
- a) por contraste Quantos empregados na casa de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui morro de fome!
 - b) por semelhança Ela era forte como a mulher da Bíblia
 - c) por igualdade Jorge recebeu dez dólares, como Josefa
 - d) por diferença Esta sala é azul; aquela verde
 - e) por proporção A saúde está para os pulmões, como a amizade de Deus para os homens
 - f) por conformidade Fez a roupa segundo minhas instruções
 - g) por inferioridade Esta carroça é menos forte que o caminhão
 - h) por superioridade O homem que ama é mais feliz que o egoísta
157. Valor de elemento em destaque num jogo de comparação Recife é uma das maiores cidades do Brasil
158. Valor do predomínio de um dado sobre outro(s) . O que Rafael mais procura é compreender a poesia de Murilo Mendes
159. Premissa e conclusão ... O funcionário trabalhou bem; logo, será bem remunerado
160. Premissa e dedução — A natureza humana é dotada de liberdade
— Eduardo é homem, tem natureza humana
— Logo, ele é dotado de liberdade
- Obs.:* Parece que toda conclusão segue um processo dedutivo; mas nem toda dedução encerra, fecha o assunto, como o valor conclusivo.
161. Dificuldade e atenuante .. Foi um ano de luta: doenças graves na família... Gostei porque estreitaram os laços de amizade

162. Situação entre dois seres animados O filho disse: «Pai, afirmo diante de ti...»
163. ... entre coisas A estátua fica mais para lá da ponte
164. Possuidor-possuído O armário de Pedrinho
possuidor: Pedrinho
possuído: armário
165. Reciprocidade Cumprimentaram-se respeitosamente
166. Coerência entre dois dados «Também, eu não podia ser um grande desenhista com 17 anos, não é?»
167. Alternância Ora falava, ora corria
168. Disjunção Será eleito Roberto ou Décio
169. Exclusão Irão todos menos Luizinha
170. Inclusão Todos irão até Luizinha
171. Inclusão de duas alternativas numa afirmação Ou ficasse em casa, ou saísse, estava sempre bem-humorado
172. Exclusividade, ou seja, exclusivismo Optou com exclusividade por agronomia
- Obs.:* Consiste numa atitude de restrição a um elemento, com exclusão dos demais.
173. Equivalência Faz calor, ou está quente, digam como quiserem
174. Posição a favor Estamos com vocês na mesma luta
175. Oposição Lutamos contra a injustiça e a hipocrisia
176. Diferentes tipos de *adversativos:*
- 1. objetativo É ótima pessoa mas fala demais
 - 2. justificativo Tiveram medo mas o perigo era enorme
 - 3. atenuante A viagem será longa mas levaram provisões

4. de inclusão Não basta ler o Evangelho mas temos que passá-lo à vida
5. de exclusão Visitei todos os jardins mas não o da Praça da República
6. contrastante É milionário mas é paupérrimo
7. compensador Perdeu o trono mas ganhou a abolição
8. descompensador Viajou um pouco... mas perdeu o ano escolar
9. superativo A crise foi séria mas a Direção ficou firme e venceu
10. comparador Dirce é loura mas Lurdes tem cabelos pretos
11. excludor de elemento implícito Correrás o risco, mas por teus filhos
12. de outra posição Escola não é lugar de futilidade mas de formação
13. pela possibilidade de vencer o obstáculo ... Não somos santos, mas sabemos onde encontrar o perdão
14. de recuperação O incêndio destruiu a oficina, mas a coragem do povo fez outra mais bonita
15. refutativo Dizem que a casa está abandonada mas ouço passos de homem lá dentro
16. de aprovação Mas aplaudamos!
17. de reprovação Mas onde se viu isso!
18. por algo inaceitável .. Que Alfredo, com 3 anos, não compreenda, vá lá... mas você com 18...
19. por incoerência, ou desconexão O patrão estava satisfeitiíssimo com o empregado, mas despediu-o brutalmente
20. por algo negado e algo afirmado Não peço o caderno mas envio o telegrama
- Etc.

VALORES SEMANTICOS que se encontram na «ORAÇÃO CONCESSIVA» sintática

177. a) Circunstância favorável Ainda que me tenhas convidado, não sairei hoje contigo
b) Obstáculo ou recusa . . . a) favorável: o convite
b) recusa: não sairá com ele
-
178. a) Circunstância favorável Ainda que a casa tenha sido feita por um bom construtor,
b) Sua insuficiência estragou-se em pouco tempo
-
179. a) Circunstância desfavorável Ainda que sem vontade, a turma foi ao sítio
b) Superação dela
-
180. a) Circunstância desfavorável Ainda que a prisão fosse penosa, Alberto guardou a liberdade interior
b) Sua insuficiência perante motivo mais forte
-
181. a) Circunstância desfavorável Ainda que precisemos trabalhar e esperar muito, construiremos um mundo mais humano
b) Perspectiva de superação
-
- Etc.

5.6 — Setor: ATITUDE DO FALANTE,

182. Afirmação Estamos em Maceió
183. Confirmação Sim, repito que irei
184. Afirmativo da interrogação Perguntou como eu fiz os pastéis
185. Afirmativo de negação ... Acenou que não queria mesmo
186. Negação Não conhece tal pessoa
187. Interrogação Quem trará a chave?
188. Exclamação Como é belo o nascer do sol!
189. Certeza Naturalmente eles faziam questão de vir
190. Dúvida Talvez Maria telefone
191. Elucidação — Vida de quem?
— De Frei Angélico, papai
192. Justificação acho que sou um gênio. Desenhar como eu desenho sem nunca ter tido um professor... (Portinari)

193. Avaliação pelo meio-termo — Como vão os negócios?
— *Mais ou menos*
194. Aprovação A opinião de todos, *que creio justa*, é que ele deve ser absolvido
195. Comprovação O menino não venceu a prova. Aliás, não estava preparado
196. Contestação A sentença do juiz, *que não aprovo*, foi essa coisa horrível
197. Concessão Errou? É uma criança. Tem só 9 anos. Não grite com ela
198. Tratamento *V. Excia.* virá amanhã?
199. Designação *Ouvintes da Rádio América*, boa-noite
200. Desafio, estímulo, provocação Vamos lá, filho: mostra que é capaz
201. Ligeira incitação Eu não podia ceder, *não é mesmo?*
202. Insistência Só mesmo ele, ^{so' ELE} faz tudo isso às maravilhas
203. Hipótese: possível Se ganhar o campeonato...
impossível Se eu fosse um tigre de verdade...
204. Ênfase de hipótese única . «Ou tudo, ou tudo», afirmava Alix aos vinte anos
205. Convite Venha, conversaremos
206. Petição Traga-me o martelo, por favor
207. Súplica Não prolongue dor tamanha
208. Indicação:
— de algo próximo — Era esta sala...
— de menos próximo ... — Esses livros na biblioteca...
— de mais distante — Aqueles jogadores africanos têm força
209. Permissão Pode passar
210. Prossequência (isto é, prossegue introduzindo outro dado) Levantou-se. / Fez um gesto com as mãos. / Saiu. / Ele gritou: voltarás? / (etc.)

Etc.

5.7 — Anexo complementar: UMA PALAVRA, MUDANDO DE CONTEXTO, PODE ALTERAR O VALOR SEMÂNTICO DAS RELAÇÕES (alguns exemplos).

A palavra AINDA:

211. Probabilidade de algo que se espera Você ainda será muito feliz
212. Fato que podia ter acabado e não acabou, PERDURA Aos 14 anos, ela ainda brinca com bonecas
213. Algo que podia ter ocorrido e NÃO OCORREU Floriano ainda não almoçou
214. Acréscimo simples de mais um fato O bom samaritano tratou do homem ferido, levando-o ainda para uma hospedaria
215. Acréscimo de algo indébito ou agravante O menino inocente apanhou do colega e ainda levou a culpa da briga

Etc.

A palavra JÁ:

216. Tempo imediato, próximo ao tempo do falante O secretário já vai chegar
217. Algo concluído no passado com referência ao momento presente do falante O menino já desenhou dez quadros
218. Situação em curso, com referência ao momento presente do falante Já estou me aprontando, papai
219. Tempo de um acontecimento, com referência a um tempo cronológico indicado no contexto As dez horas já estava chovendo muito

Etc.

ATÉ:

220. Limite no tempo Ficamos até meio-dia
221. Limite no espaço Viajará até Roma
222. Vantagem compensadora
de trabalho Fazer as rendas foi muito
difícil... ao final até que
ficaram lindas
223. Um certo auge, um
extremo Até um colar de pérolas você deu
à menina...
Etc.

POIS:

224. Valor causal Estão tristes pois perderam o pai
225. Consecutivo Estás gripado e vai chover. Pois
fica resolvido: desistimos todos
do passeio
226. Ameaça {consecutivo} ... (conversa entre irmãos)
J. — Olhe o vaso de cristal...
não derrube
R. — ...quebrou...
J. — A culpa é sua. Pois vai ver
quando mamãe chegar
Etc.

LÁ:

227. Desconfiança, uma certa
incredulidade Vê lá se ele consegue traduzir
semelhante texto...
228. Indiferença Jacira lá se importa com o tal
rapazinho!
229. Protesto Renato faria lá tamanha
bobagem?
230. Situador muito vago Assim lá se foram as andorinhas
231. Intensificação O nosso encontro foi pra lá de
bom!
232. Negação Como atenderei ao seu pedido?
Está pra lá de minhas
possibilidades

233. Referência a tempo A filha adoeceu há 5 anos.
Desde lá a mãe não saiu mais
de casa
234. Concessivo Vá lá que os bebês chorem...
são bebês
235. Aborrecimento Lá vem você outra vez com a
mesma estória

Etc.

Obs.: Os significados de *lá*, por exprimirem matizes com sutilezas, servem-se também de tom, na língua oral.

O elenco de 236 valores semânticos apresenta-se com muitos etcéteras intencionalmente. Outras pesquisas poderão enriquecer a lista.

Por sua própria natureza este «jogo» é aberto.

Obs.: Por lembrança de M. Teresa Hellmeister Fornaciari explicitamos o seguinte: Os esquemas da lógica natural não são necessariamente utilizados todos; pode haver omissão de alguns, inversão entre eles ou intersecção.

CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES RESPONDENDO A PERGUNTAS

6.1 — *Então a escola não tem focalizado muito a natureza da língua?*

A escola tem dado atenção à língua da comunicação entre as pessoas, muito mais do que ao fenômeno lingüístico observado na sua própria natureza.

O que diríamos do médico que tratasse da saúde, sem conhecer a natureza do corpo humano?

Os ensinamentos de língua têm dado primazia à letra e ao som articulado. A escola começa por *alfabetizar*. Alfabeto, conjunto de letras. Como se o instrumento da língua escrita fosse o primeiro passo. E a escrita é fato tão posterior. Os sons também não deixam, a rigor, de ser um tanto secundários.

Assim a escola *não tem focalizado o essencial da natureza da língua*. Ocupada com a escrita, leva a ler e escrever; cuida do escritor/leitor. Ensinando as letras e sons com primazia, tem omitido a prioridade das relações com valores.

E deixa implícitos, na penumbra de suposições, a «fala interior», necessária à dinâmica do pensamento, aos atos do raciocínio.

— Corrigir a situação? Haverá jeito de modificar e pôr as coisas de acordo com a ordem natural?

— A curto prazo não, pois instituições dificilmente mudam depressa. Mas haveria muitas vantagens em suprimir o engano, para a melhoria da comunicação verbal também, e portanto da qualidade da vida humana.

6.2 — *Comentário de Anna Maria Marques Cintra que ajuda nossa reflexão:*

«A esfinge que continua a desafiar os estudiosos penso que seja o processo de aquisição da linguagem.

O modelo teórico, que é a gramática, tem merecido muitas descrições interessantes.

A semântica, pela pouca descrição existente, participa do desafio do processo de aquisição da linguagem.

A alfabetização ocorre numa fase posterior (e bem posterior) à da aquisição da língua enquanto relação. O que parece pouco explorada, na escola, é a parte relativa ao *desenvolvimento* do sistema de relações em língua oral. Os primeiros passos para a aquisição desse sistema foram dados, naturalmente, em casa».

— Tal comentário nos incentiva a procurar meios que levem a escola a cuidar do desenvolvimento do *sistema de relações com valores*.

6.3 — *O que seriam as «elementos diferenciadores de significado», as marcas constitutivas do fonema?*

Obs.: Neste texto de semântica, referências ao fonema são ocasionais, e vão a título de contribuição para possíveis questionamentos.

- a) As marcas do fonema têm sua realidade no fenômeno «língua», que é forma e não «substância».
- b) Não são os traços fonéticos dos sons nem os gráficos das letras, ainda que nos cheguem por meio deles.
- c) Devem ser elementos da mesma natureza de «relação com valor».

c.1 — Um lembrete pode ajudar a compreender:

Usamos a língua também quando pensamos, sem apoio em sons orais nem em letras escritas.

c.2 — Esse uso interior da língua, o «pensar», é feito ao nível da natureza da língua, que é «forma, conjunto de relações com valores».

c.3 — Não precisamos de vogais e consoantes para pensar. Mas de fonemas, sim, elementos diferenciadores de significado: diferenças e identidades, de ordem intelectual, anteriores a possíveis imagens acústicas, que facilmente interferem, por força do hábito rotineiro. (Sugere-se releitura da obra de Saussure: *Curso de Lingüística Geral*, cap. III da parte II: identidade, realidades, valores: ed. em port. p. 125).

- d) As identidades e diferenças ao nível fonético e ao gráfico são «auxiliares» e «posteriores».
Decorrem das identidades e diferenças ao nível da natureza das relações com valores. Estas é que são essenciais.
- e) Os traços fonéticos dos sons, ou gráficos de letras, por meio dos quais parece que captamos fonemas, *podem* «contribuir» para que os distingamos. Mas não são as marcas primordiais. Identidades e diferenças fonéticas e gráficas constituem elementos posteriores à língua.
- f) Não podem ser aspectos fonéticos dos sons mediante os quais a comunicação interpessoal se faz.
Porque a língua é realidade anterior ao processo da comunicação, e os sons são meios externos de que o homem se serve no intercâmbio da sociedade.
- g) **SEGREDO DO FONEMA:** Será ele apenas um elemento diferenciador de significados?
Ou será isso, justamente por ser «a tomada de corrente» em que se estabelecem as ligações para que haja relações?
Com «33» tomadas, a telefonista também faz milhares de ligações telefônicas distintas, jogando com milhares de relações-valores.
Os fonemas seriam esses pontos básicos de contato (?)
Convém pensar.
- h) *Falta pesquisar mais* os diferentes tipos de relações com valor próprio da natureza do fenómeno língua.
Há de haver diversas conforme os níveis.
Por exemplo, segundo os fonólogos, o fonema supõe relação por contraste, relação não significativa, mas já traço capaz de diferenciar.
O sema estabelece relação por oposição, enquanto já diferencia o significado no contexto pequeno de palavras.
O valor semântico do nível sintático diferencia significados no contexto maior entre palavras. Etc.

6.3.1 — *Como o fonema é intrigante:*

— Pequenino e poderoso. Quase imperceptível e atuante.

— Alguns hoje aludem ao FEMA que seria o mínimo dentre os traços que constituem um fonema.

— O FEMA seria a POSIÇÃO capaz de produzir a diferenciação do significado?

— Se basta a posição para criar FEMA, entende-se que letras representativas de fema na situação x... não desempenhem mais esse papel em outra posição qualquer.

— FEMA seria um tipo de posição no conjunto de relação com valor próprio do fonema.

E em cada nível, seja do fonema, morfema, sintagma, as características decorreriam do tipo de posição na trama de relações com valores.

A posição nas combinatórias mereceria mais pesquisas.

6.4 — *Mas como língua não é o som fonético? Com que o fonema se relaciona para constituir o morfema?*

a) *Na língua:*

Lembremos que no raciocínio usamos a língua sem sons fonéticos, mas com fonemas, morfemas etc.

Com que o fonema se relaciona para constituir morfemas?

Provavelmente com fonemas em posição de fonema e com «fonemas» em outras posições, em que ele não terá a propriedade de diferenciar significados, sendo então «não-fonemas».

Essas unidades representáveis *no ato da comunicação* por sons articulados e por letras existem anteriormente à comunicação social. E aí merecem nossos estudos.

Estamos tão acostumados a cuidar delas só no processo da comunicação com outros que parece impensável refletir a seu respeito no ato do raciocínio.

O que os sons e as letras representam, dependendo da posição combinatória, portanto de relações, em dado momento exerce a representação de um fonema; em outros momentos, não, apenas é variante, como alguns dizem.

Os fonemas são numeráveis.

Os «não-fonemas» também o seriam? Como as posições nas combinatórias podem ser muitas, para dizer o número dos «não-fonemas» seria preciso contar o número de posições nos morfemas, em seguida nas palavras, talvez também nos sintagmas.

b) Na língua usada entre pessoas, no ato de comunicação oral:

O fonema e os não-fonemas entram ainda em relação com sons articulados que os representam.

Nesse nível dois códigos estão em jogo. O lingüístico e o da comunicação oral.

A escola precisará cuidar de ambos, mas consciente que são dois e que cada qual terá problemas específicos, exigindo pedagogia diferente para ser adequada.

CONCLUSÃO

Voltemos às perguntas iniciais: Qual o objeto da Semântica e o lugar desta na gramática?

7.1 — Após as explicações dadas, podemos reafirmar que o objeto da semântica é, sem dúvida, a FORMA do CONTEÚDO do signo lingüístico, que se encontra solidária à FORMA da EXPRESSÃO.

Como ambas as faces do signo constituem um todo, Eugênio Coseriu teve razão ao lembrar que a língua «é semântica em sua totalidade».¹⁶

E continua: «... então a semântica teria, nesse sentido, a totalidade do idioma por objeto».¹⁷ Provavelmente sem ter tido a intenção de excluir a sintaxe.

7.2. — Somente uma pergunta seria válida: «Na gramática, que espécie de semântica se deve levar em consideração?»¹⁸

Na gramática tem lugar a semântica cujo objeto é o conteúdo lingüístico da *expressão lingüística*. Não será a semântica filosófica, nem a do cinema, da política, do esporte, nem a da lógica matemática, pois, ao que consta, atualmente usam em diferentes situações a palavra «semântica».

Para esclarecer esta colocação, foi oportuno refletir a respeito da natureza da língua e de fazê-lo do ponto de vista lingüístico.

16. Eugênio Coseriu: "Semântica e gramática", separata da revista *Sprache der Gegenwart*, publicada pelo Instituto de Língua Alemã, tomo XX, 1971, p. 77-90, trecho 1.2, 3º (a tradução para o português é por enquanto de uso interno no I.P.). As notas que vierem se basearão no texto traduzido.

17. E. Coseriu, *op. cit.*, trecho 3.1 (p. 6).

18. *Idem*, trecho 3.1 (p. 7).

7.3 — *Sofremos as conseqüências*, pois não terá sido impunemente que muitos relegaram a semântica lingüística a um quase geral esquecimento. Em vez de instrumento utilíssimo, a língua humana tem sido tantas vezes bloqueadora, porque mal apreendida, mal conhecida, mal ensinada, e portanto mal colocada em funcionamento.

7.4 — *Qual deve ser o lugar da semântica na gramática?*

Opinião de pós-graduandos, a 5 de novembro de 1975, que incentivou as pesquisas dos anos seguintes:

- Amílcar Monteiro Varanda
- Leda Teresinha Martins
- Marinez Dias Sant'Ana Rosa
- Maria Amélia de Lima Chagas
- Renée Chedid
- Valeuska França Cury
- Virgínia E. P. Franco Pinto

«A SEMÂNTICA ESTÁ IMPLÍCITA EM TODA A GRAMÁTICA, MAS COM MUITA MISTURA DE CRITÉRIOS».

Parece-nos que a semântica está presente em quase todas as páginas de nossas gramáticas.

Usam-se critérios semânticos nas definições e nas classificações. Todavia nem sempre são claros e precisos.

É freqüente a confusão entre semântico e formal, o que prejudica a simplicidade como a boa sistematização.

Compreende-se que o ponto de vista semântico permaneça em toda a descrição do sistema lingüístico e o fato de a semântica estar latente, implícita em qualquer gramática, é sintomático.

Nós, professores, queremos que o aluno compreenda o que explicamos, e não que «decore nomes difíceis» sem significado para ele. (Às vezes até sem significado para nós...).

Ao tentar explicar a nomenclatura técnica, oficial... ocorrem dificuldades.

A falha estaria no esforço por agrupar, no menor número possível de classificações, todos os fatos da língua? Colocaram-se sob o mesmo rótulo coisas diferentes... Tal conceito de «simplificação» complicou muitas noções.

E a nomenclatura que as gramáticas respeitam, vem sendo usada, ensinada, há muito tempo, embora numerosos mestres e alunos percebam sua inadequação...

As lacunas perduram... por rotina? Falta de tempo para pesquisas?

Cada termo deveria ter sua carga semântica própria, mesmo que isto levasse a um número ^{maior} de subclassificações

Sistematizar, respeitando o inter-relacionamento dos planos que constituem o código lingüístico

O lugar da semântica precisa ficar explicitado.

A língua é um sistema, e assim tudo nela se inter-relaciona. Considerando que a semântica, inevitavelmente, se acha implícita em toda a gramática e nas gramáticas todas, é que deve ocupar grande lugar no sistema da língua.

Será de muita utilidade apresentá-la de maneira coerente e organizada.

Do princípio ao fim da gramática, cada termo deveria ser adequado do ponto de vista semântico.

O problema está em COMO sistematizar

Dedicar um capítulo, ou uma parte, diretamente à semântica ajudará aos estudiosos, pois conteria as noções básicas, fundamentais, teóricas, que levariam à compreensão dos critérios semânticos, necessariamente presentes, na morfologia, sintaxe e estilística.

Esse(s) capítulo(s) de que trataria(m)? Que correntes lingüísticas poderiam oferecer subsídios à sua realização?

Interessa sobretudo que trate da semântica sincrônica que gira em torno de VALOR como significado de RELAÇÕES.

Parece-nos que acima de tudo deveria evitar a mistura indiscriminada de critérios, respeitando sempre o inter-relacionamento dos diversos planos do sistema lingüístico.

Não havendo planos isolados, seria impossível reduzir a semântica a um único capítulo.

Um ou alguns capítulos apresentarão uma teoria semântica.

Essa parte visa facilitar a compreensão do enfoque semântico que estará presente em toda a gramática.

7.5 — *Uma página sintética que caberia desde logo na gramática portuguesa.*

Investigações recentes que examinam o plano semântico da língua portuguesa norteiam-se pelos seguintes critérios:

- a) O signo lingüístico é unidade de dupla face: significado e significante, ou, em outras palavras, conteúdo e expressão.
- b) Significante é a relação a nível da expressão, ^{SEJA} (antes da oral e gráfica, intelectual. ^{A RELAÇÃO É POIS SIGNIFICANTE DO SIS-} ~~Significado é o valor da relação a nível do conteúdo~~ ^{NIFICADO QUE VALE POR...})
- c) O objeto dos estudos semânticos é o significado lingüístico.
- d) A língua por sua natureza é um sistema ordenado de relações com valores.
- e) Nada na língua, enquanto língua, tem substância material. Nela tudo são relações com valores.
 — Por isso língua é forma, conforme a terminologia de F. de Saussure e de L. Hjelmslev.
 — O som fonético e a grafia, que são substâncias materiais, servem de apoio à língua na comunicação entre pessoas. ~~Constituem outros códigos.~~
- f) Em todos os planos da língua, estão presentes relações com valores, seja na fonologia, na morfologia, na estilística.
 — Quem observa a língua do ângulo das relações, faz sintaxe; do ângulo dos valores, faz semântica.
 — Assim semântica e sintaxe se complementam. A separação didática é simples questão metodológica para efeito de estudo ou pesquisa.
- g) A análise dos valores semânticos é muito necessária e útil ao ensino e aprendizado da língua.
 A parte dedicada à semântica na gramática tende a se desenvolver cada vez mais.
- h) O progresso da semântica contribuirá para melhor compreensão da lógica própria da língua, atualmente pouco conhecida.
- NOTA: Remetemos os interessados ao seguinte endereço:
 I.P. Instituto de Pesquisas Lingüísticas «Sedes Sapientiae» para Estudos de Português (PUC/SP)
 R. Monte Alegre, 984 - sala 25
 05014 — São Paulo - SP
- i) As pesquisas têm tido o patrocínio da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

7.6 — *Falando operacionalmente aos que querem exercitar a análise semântica.* O objeto da semântica, ao nível da palavra, é a análise do valor SEMA. Ao nível da combinação entre palavras, é o VALOR dos relacionamentos sintáticos que fazem os contextos lingüísticos.

7.7 — Aos que puderem investigar com maior rigor metodológico, nosso convite: critiquem, indaguem, modifiquem, completem.

7.8 — Se temos publicado, não é por considerar a questão resolvida, mas para descobrir novos recursos, aplicáveis à laboriosa busca do SISTEMA, da ORGANIZAÇÃO que os homens inventaram, o da LÍNGUA HUMANA, e que inventaram na busca incessante de MELHORES ENCONTROS, para atenuar a dureza da vida humana e conduzi-la a mais felicidade.

COLABORADORES:

por meio de indagações, sugestões e críticas, alunos do Pós-Graduação em Língua Portuguesa:

1975:

Amílcar Monteiro Varanda, Leda Teresinha Martins, Marinez Dias Sant'Ana Rosa, M. Amélia de Lima Chagas, Renée Chedid, Valeuska França Cury, Virgínia Elisabeth P. Franco Pinto.

1976: (1º semestre)

Dieli Vesaro Palma, Ingedore G. Villaça Koch, Mário César A. L. de Moraes, M. José Ormastroni, Regina Buongiorno.

1976: (2º semestre)

Ana Catarina Fabrício Mendes, Gilberto Francesconi, M. Elisabeth Mota Zanetti Baptista, M. Margarida Pinto Rodrigues.

1977: (1º semestre)

Iara Ramos Brito, João Hilton S. de Siqueira, M. Ignez S. de Mello Franco, Márcia M. Padial, Marlene Karabolad Matos Paulo, Mário Perez Rodrigues, Miguel Salles, Neusa M. Oliveira Bastos, Olinda M. Malmagrin Rocha.

1977: (2º semestre)

Antônio Júlio Chrispim, Dirce Rebello Gomes, Edna C. Blumenschein, Elyane A. A. C. Reis Lobo, Gilda M. Lins de Araújo, Heloísa Ribeiro Próspero, Mary Francisca de Careno, M. Laura P. Ricciardi, Sílvia Inês C. Coneglian.

1978: (1º semestre)

Ana Maria Assis Pacheco, Aralys Borges Freitas, Eny Aires Gomes Wotfe, João Batista Neto Chamadoira, Maria Teresa Hellmeister Fornaciari, Paulo de Tarso Galembeck, Sueli Cristina Marquesi, Tânia Maluf, Wanda Magalhães Pinto Seabra e, novamente em período de estágio voluntário: M. Ignez Salgado de Mello Franco.

Endereço:

I.P. (Instituto de Pesquisas Lingüísticas «Sedes Sapientiae» para Estudos de Português).

Rua Monte Alegre, 984 - sala 25 - PUC/SP
05014 — São Paulo - SP
Fone: 62-7640
263-0211 ramal 315

(expediente à tarde)

Este livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas da Editora Vozes Limitada Rua Frei Luís, 100 Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

 EDITORA
VOZES

Rua Frei Luís, 100 - Tel.: 43-5112 *
Caixa Postal 23. End. Telegr.: VOZES
25.600 Petrópolis, Estado do Rio
CGC 31.127.301/0001-04
Inscr. Est. 80.647.050

Filiais:

20.031 Rio de Janeiro: Rua Senador Dantas, 118-1
Tel.: 242-9571
21.350 Rio de Janeiro: Rua Carvalho de Souza, 152 - Madureira
Tel.: 359-3661
01.006 São Paulo: Rua Senador Feljó, 158 e 168
Tels.: 32-6890 - 36-2064 e 36-2288
01.414 São Paulo: Rua Haddock Lobo, 360 (ao lado do Colégio São Luís)
Tels.: 256-0611 e 256-0361
12.900 Bragança Paulista: São Paulo - Av. Miguel Cocicov, s/n
Tel.: 433-3675
30.000 Belo Horizonte: Rua Tupis, 85 - Loja 10
Tels.: 222-4152 - 226-0665 e 226-5383
90.000 Porto Alegre: Rua Riachuelo, 1280
Tel.: 25-1172
70.730 Brasília: CLR/Norte - O. 704 - Bloco A - Nº 15
Tel.: 233-2436
50.000 Recife: Rua Conselheiro Portela, 354 (Espinheiro)
Tel.: 222-6991
50.000 Recife: Rua da Concórdia, 167
Tel.: 224-3924
80.000 Curitiba: Rua Alferes Póll, 52
Tel.: 33-1392

Representante:

60.000 Fortaleza: Ceará Ciência e Cultura Ltda.
Rua Edgar Borges, 89. Tel.: 26-7404